



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS**

**Participação das Forças Armadas Portuguesas na ISAF**  
Contributo para a segurança e estabilização do Afeganistão

**Supervisor: Professor Francisco Proença Garcia**

**Estudante: Joana Bandeira Costa**

Lisboa, 2017

## **Agradecimentos**

Quem esteve presente e me auxiliou ao longo deste processo sabe quão trabalhoso ele foi e quanto me dediquei para ser bem-sucedida.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Comandante Frescata os três meses de apoio incondicional, tanto acadêmico como pessoal.

Em segundo lugar, deixo aqui um agradecimento tão reconhecido como o anterior ao Estado-Maior da Armada, especialmente ao Comandante Antunes Rodrigues e à Tenente Teles, pela forma calorosa como me receberam, pela formação que me facultaram pela ajuda que me deram na construção dos pilares mais difíceis desta investigação. Foram incansáveis no apoio, tanto acadêmico como profissional, que me proporcionaram ao longo de três meses.

Ao Coronel de Infantaria Paraquedista Nuno Marques Cardoso agradeço o auxílio dado desde a primeira questão que lhe coloquei, até à entrega da Tese.

Ao Major General Guerra Pereira e à querida Ana Isabel Rodrigues agradeço a disponibilidade total ao longo do processo.

Agradeço ainda à minha irmã a ajuda na metodologia, os constantes incentivos e a paciência que teve comigo.

Um especial agradecimento às minhas queridas primas “Tita” e “Ré”.

Ao Tiago, sempre disponível para escutar os meus desabafos diários.

Aos meus pais todo o amor e a crença inabalável que têm em mim.

À minha querida família, de quem tenho tantas saudades.

Finalmente gostaria de deixar um agradecimento especial aos elementos mais relevantes deste trabalho: todos os militares portugueses que participaram na missão ISAF, particularmente aos do 8<sup>o</sup>CN.

## Índice

<b>Índice .....</b>	<b>III</b>
<b>Índice de gráficos .....</b>	<b>VI</b>
<b>Índice de tabelas .....</b>	<b>VII</b>
<b>Índice de Anexos .....</b>	<b>VIII</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>IX</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>X</b>
<b>Palavras-Chave .....</b>	<b>XI</b>
<b>Glossário .....</b>	<b>XII</b>
<b>Acrónimos .....</b>	<b>XVI</b>
<b>1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
1.1. Descrição do tema.....	1
1.1.1. Delimitação do objeto de estudo .....	2
1.1.2. Propósito de investigação .....	3
1.1.3. Questão principal e derivadas.....	4
1.1.4. Hipóteses .....	4
1.1.5. Limites de investigação .....	5
1.1.6. Variáveis .....	6
1.1.7. Estrutura .....	7
1.2. “Estado da Arte” .....	8
1.2.1. Conceitos.....	9
1.2.1.1. Operação de Contra Insurgência (COIN).....	9
1.2.1.2. Segurança e terrorismo.....	11
1.2.2. O problema Afegão .....	12

1.2.3. Criação da ISAF .....	13
1.2.4. Objetivos da ISAF .....	15
1.2.5. Participação Portuguesa .....	16
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>19</b>
2.1. Exploração do tema .....	19
2.2. Metodologia analítica.....	20
2.2.1. Amostra .....	20
2.2.2. Estratégia.....	21
2.2.3. Recolha e análise de dados.....	21
<b>3. Empenhamento Português.....</b>	<b>23</b>
3.1. Forças participantes e missão do 8º CN.....	23
3.1.1. Military Advisory Team.....	24
3.1.2. Unidade/Módulo de Apoio (Elemento de Apoio de Serviços e Elemento de Segurança e Proteção) .....	25
3.1.3. Célula de Informações Militares (CIM) .....	26
3.1.4. Pohantoon-e-Hawayee Staff Adviser Team (PeH SAT).....	26
3.1.5. Cargos Isolados (Crisis Establishment) .....	27
3.2. Conclusões .....	27
<b>4. Segurança no Afeganistão.....</b>	<b>30</b>
4.1. Escolha de indicadores.....	30
4.2. Evolução do nível de segurança no Afeganistão .....	33
4.3. Conclusões .....	38
<b>5. Contributos do 8ºCN .....</b>	<b>41</b>
5.1. A importância do 8ºCN .....	41
5.2. Conclusões .....	44

<b>6. Conclusão .....</b>	<b>46</b>
6.1. Confirmação das hipóteses .....	47
6.2. Resposta às questões .....	48
6.3. Recomendação para estudos futuros .....	52
<b>Bibliografia.....</b>	<b>54</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>58</b>

## Índice de gráficos

Gráfico 1. Frequência de utilização de determinada palavra pelos inquiridos .....	27
Gráfico 2. Evolução do número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs, entre 2014 e 2015 .....	33
Gráfico 3. Evolução do nº vítimas civis por culpa do Exército Nacional Afegão entre 2014 e 2015 .....	34
Gráfico 4. Respostas à questão 5 apresentadas sob a forma de percentagem .....	34
Gráfico 5. Evolução do nº vítimas civis por culpa da Força Aérea Afegã entre 2014 e 2015 .....	35
Gráfico 6. Evolução do nº de incidentes de segurança no Afeganistão entre 2014 e 2015.	35
Gráfico 7. Evolução do nº de vítimas no Afeganistão entre 2014 e 2015 .....	36
Gráfico 8. Evolução do nº vítimas na região central do Afeganistão entre 2014 e 2015 ....	36
Gráfico 9. Evolução do nº de ataques em Kabul entre 2014 e 2015 .....	37
Gráfico 10. Resposta à questão 7 demonstrado em forma de percentagem .....	37
Gráfico 11. Comparação entre o número de incidentes no território afegão e o número de ataques em Kabul.....	39
Gráfico 12. Evolução do número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs.....	40
Gráfico 13. Respostas à questão 4 apresentadas sob a forma de percentagem .....	42
Gráfico 14. Respostas à questão 6 apresentadas sob a forma de percentagem .....	42
Gráfico 15. Respostas à questão 2 apresentadas sob a forma de percentagem .....	43
Gráfico 16. Respostas à questão Q3 apresentadas sob a forma de percentagem.....	43

## Índice de tabelas

Tabela 1. Tarefas do 8º Contingente Nacional .....	28
Tabela 2. Tabela de apoio à verificação da evolução securitária no Afeganistão .....	31
Tabela 3. Indicadores - evolução da situação securitária no Afeganistão entre 2014 e 2015 .....	38
Tabela 4. Confirmação das hipóteses .....	48

## Índice de Anexos

Anexo 1. Entrevista realizada ao Sr. Comandante Velloso no dia 9 de Setembro de 2015	58
Anexo 2. Entrevista realizada ao Sr. Major General Guerra Pereira no dia 11 de Setembro de 2015 .....	65
Anexo 3. Entrevista realizada ao Sr. Comandante Cardoso no dia 25 de Setembro de 2015 .....	69
Anexo 4. Resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.....	72
Anexo 5. Distribuição temporal das capacidades da participação Portuguesa na ISAF .....	74
Anexo 6. Guião da primeira entrevista, realizada a 11 de Setembro de 2015.....	75
Anexo 7. Guião da segunda entrevista, realizada a 25 de Setembro de 2015 .....	75
Anexo 8. Questionário dirigido aos militares portugueses participantes na ISAF.....	76
Anexo 9. Respostas dadas à Q1 .....	78
Anexo 10. Respostas dadas à Q2.....	79
Anexo 11. Respostas dadas à Q3.....	79
Anexo 12. Respostas dadas à Q4.....	80
Anexo 13. Respostas dadas à Q5.....	80
Anexo 14. Respostas dadas à Q6.....	81
Anexo 15. Respostas dadas à Q7.....	81



## Resumo

Composta por 51 Estados e com uma duração de 13 anos, a *International Security Assistance Force* (ISAF) representou a maior aliança e a mais desafiante missão da NATO até hoje. Sendo esta a primeira vez que o Artigo V foi evocado, Portugal assumiu o seu compromisso enquanto Estado membro da NATO e, em 2002 deu início à sua participação no Afeganistão, com o objetivo de garantir a estabilização e segurança do País, em cooperação com os outros Estados participantes. Após 12 anos, 8 Contingentes Nacionais e a participação dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas, deu-se término à missão incumbida aos militares portugueses.

Este projeto de investigação pretende dar a conhecer o relevante papel das Forças Armadas Portuguesas em operações internacionais e os seus contributos em operações de contrainsurgência e estabilização de um país. É imperativo entender que o papel das FFAA Portuguesas em manter o Estado afegão seguro não é apenas o combate a organizações fundamentalistas e terroristas, mas também a regularização do ambiente de conflito, o restabelecimento da paz, a promoção de um teatro de operações estável, o treino de forças nacionais afegãs e a colaboração na transição de autoridade para um governo afegão democrático e capaz de garantir o bem-estar da população.

Assim, estudou-se o empenhamento do 8º Contingente Nacional, e os seus contributos no âmbito da segurança e estabilização do Afeganistão no período compreendido entre 12 de maio de 2014 e 28 de novembro de 2014. A questão principal associada a esta investigação é a seguinte: "O 8ºCN foi capaz de garantir a estabilização e segurança do Estado afegão durante o seu período de intervenção?". Tendo a resposta à mesma sido alcançada através do estudo de caso, com uma abordagem hipotético-dedutiva. Os dados foram recolhidos através de entrevistas, numa fase exploratória, e de questionários, numa fase analítica.

## **Abstract**

Composed by fifty-one States and lasting for thirteen years, the International Security Assistance Force (ISAF) was the largest alliance and the most challenging mission of NATO until today. Being this the first time that the Article V was evoked, Portugal was assigned to participate in the mission in Afghanistan in 2002 with the aim of ensuring stability and security of the country, in cooperation with others participating States. The Portuguese military ended their participation after twelve years, eight national contingents and the participation of the three branches of the Armed Forces.

This research project aims to promote the role the Armed Forces in international operations and its contributions in counterinsurgency and stabilization operations. Furthermore, it is imperative to understand that the role of the Portuguese Armed Forces, in keeping Afghanistan safe, not only aims to fight fundamentalist and terrorist organizations, but as well as to settle the conflict environment, to achieve peace, to promote a safe theatre of operations, to mentor Afghan national forces and to participate in the transition of a democratic Afghan government capable of ensuring the wellbeing of its citizens.

Thus, it was analysed the commitment of the 8th National Contingent during the period between May 12, 2014 and November 28, 2014, and its contributions in the field of security and stabilization of Afghanistan. The main question associated to this research is "Was the 8º Portuguese National Contingent able to ensure the stability and security of the Afghan State during its period of intervention?". The response to it has been achieved through the case study, with a hypothetic deductive approach. Data was collected through interviews, in an exploratory phase, and questionnaires for the analytical phase.

### **Palavras-Chave**

Forças Armadas Portuguesas, 8º Contingente Nacional, Afeganistão, ISAF, Segurança, Estabilização, Terrorismo

### **Key-Words**

Portuguese Armed Forces, 8th National Contingent, Afghanistan, ISAF, Security, Stabilization, Terrorism

## Glossário

**Assessorar:** fornecer assistência ou auxílio, geralmente a nível profissional (Porto Editora, 2003-2016).

**Cargos Isolados:** equipa Portuguesa na missão ISAF responsável por preencher os Comandos (Cardoso, 2014).

**Caveat:** designação usada com uma classificação para limitar ainda mais a divulgação de informações restritas (Military Dictionary, 2008).

**Célula de Informações Militares:** capacidade constituinte da participação Portuguesa na ISAF com a missão de proporcionar ao decisor, o conhecimento necessário e oportuno para a detenção e neutralização das ações terroristas (Cardoso, 2014).

**Comandos:** forças que conduzem operações de combate, de natureza eminentemente ofensiva, de forma independente ou em apoio de outras Forças, em condições de elevado risco de exigência. (Exército Português, 2010).

**Contingente:** quantidade de tropas destinadas ao cumprimento de uma missão específica; conjunto de indivíduos incorporáveis que em cada ano se apresentam efetivamente nas unidades para prestar o serviço militar (Porto Editora, 2003-2016).

**Defesa Coletiva:** Conjunto de medidas adotadas por um grupo de Estados nacionais com a finalidade de prover a defesa dos interesses comuns contra um agressor ou coalizão de agressores (Ministério da Defesa, 2007, p. 275).

**Elemento de Segurança/Proteção da Força:** capacidade que constitui o Módulo de Apoio do 8ºCN para garantir a proteção e segurança dos elementos do CN, bem como participar no apoio aos demais militares nacionais em missão no Teatro de Operações do Afeganistão, quando solicitado (Cardoso, 2014).

**Empenhamento Militar:** fase do combate ofensivo ulterior à tomada de contacto que tem por fim reconhecer a resistência inimiga e ocupar posições donde possa ser lançado o ataque (Porto Editora, 2016).

**Forças Armadas:** Constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Força Aérea, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem (Ministério da Defesa, 2007).

**Forças Nacionais de Segurança:** forças militares, paramilitares e policiais, devidamente constituídas, de um Estado (Department of Defense, 2010, p. 211).

**Insurgência:** uso intensivo das práticas de guerra irregular por um grupo radical ou movimento extremista, que recorre à luta armada para a consecução de seus objetivos (Ministério da Defesa, 2015, p. 274).

**Inteqal:** palavra dari e pashtu para “transição” - é o processo pelo qual a responsabilidade principal pela segurança no Afeganistão foi gradualmente transferida da força liderada pela Força Internacional de Segurança e Assistência da NATO (ISAF) para as Forças de Segurança Nacional Afegãs (ANSF) (NATO, 2015).

**ISAF:** Força Internacional de Assistência e Segurança criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2001, após o ataque terrorista em Nova Iorque. O seu principal objetivo era garantir que o governo afegão fornecesse segurança efetiva em todo o País e desenvolvesse forças de segurança afegãs para garantir que o Afeganistão nunca mais se tornasse um refúgio para terroristas (NATO, 2015).

**Military Advising Team:** equipa Portuguesa na ISAF com o objetivo de treinar, aconselhar e assistir o Exército Nacional Afegão (Cardoso, 2014).

**Operação:** Uma sequência de ações táticas com um propósito comum de unificar uma equipa; ação militar ou a realização de um treino, serviço ou missão militar administrativa com objetivos estratégicos, operacionais ou táticos (Department of Defense, 2010, p. 172).

**Operação de Contra Insurgência:** esforços civis e militares abrangentes destinados a, simultaneamente, derrotar e conter a insurgência e as suas causas profundas (Department of Defense, 2010, p. 53).

**Pohantoon-e-Hawayee Staff Adviser Team:** capacidade que constituiu a equipa Portuguesa na missão ISAF fornecendo ações de mentoria e assessoria ao Estado-maior e

ao Comando da Academia da Força Aérea Afegã, situada em KAIA, na cidade de Kabul (Cardoso, 2014).

**Segurança:** medidas tomadas por uma unidade militar, atividade, ou instalação para se proteger contra todos os atos destinados a, ou que possa, prejudicar a sua eficácia (Department of Defense, 2010, p. 212).

**Talibã:** movimento predominantemente *pashtun* - povo que lutou contra o imperialismo britânico, a invasão soviética e atualmente luta contra a intervenção ocidental. Surgiu no início dos anos 1990 no norte do Paquistão, após a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão (BBC, 2016).

**Terrorismo:** tentativa para alcançar fins políticos, através do uso da violência para instaurar um ambiente de medo (Heywood, 2011).

**Teatro de Operações (TO):** uma área operacional definida pelo comandante de combate para a execução ou apoio a operações militares específicas (Department of Defense, 2010, p. 242).

**Unidade/Módulo de Apoio:** capacidade que constitui o empenhamento português na missão ISAF com o propósito de garantir o apoio administrativo-logístico e proteção das OMLT e MAT Portuguesas presentes no TO, e quando necessário apoiar outros militares portugueses em missão no Afeganistão (Cardoso, 2014).

## **Acrónimos**

111<sup>a</sup>CapDiv – 111<sup>a</sup> Capital Division

8° CN – 8° Contingente Nacional

AIA - Autoridades Internas Afegãs

CEMGFA – Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas

CIM - Célula de Informações Militares

CI - Cargos Isolados

Cor – Coronel

Cor Inf – Coronel de Infantaria

Com - Comandos

CS – Conselho de Segurança das Nações Unidas

CN – Contingente Nacional

EASO - European Asylum Support Office

EMGFA – Estado Maior General das Forças Armadas

ENA – Exército Nacional Afegão

EM – Estado-Maior

EME - Estado-Maior do Exército

EMA - Estado-Maior da Armada

EMFA - Estado-Maior da Força Aérea

EM/PF – Elemento de Segurança / Proteção da Força

FAA - Força Aérea Afegã

FFAA – Forças Armadas

FSNA – Forças de Segurança Nacionais Afegãs´

Gen - General



H – Hipótese

ISAF – International Security Assistance Force

Inf – Infantaria

KAIA – Kabul International Airport

Maj – Major

Maj Gen – Major General

MAT – Military Advisory Team

MdA - Módulo de Apoio

NATO – North Atlantic Treaty Organization

OMLT – Operation Mentor Liaison Team

ONU – Organização das Nações Unidas

OPCI – Operações de Contra Insurgência

OE – Objetivo Específico

OG – Objetivo

PeH SAT - Pohantoon-e-Hawayee Staff Adviser Team

QP – Questão Principal

QD – Questão Derivada

RSM – Resolute Support Mission

TO – Teatro de Operações

UNAMA – United Nations Assistance Mission in Afghanistan

VI – Variável Independente

VD – Variável Dependente

## **1. Introdução**

Este trabalho de investigação foi realizado no âmbito da conclusão do Mestrado em *Governance, Leadership and Democracy Studies* para aquisição de grau de “Mestre” no Instituto de Estudos Políticos, na Universidade Católica Portuguesa. Este trabalho foi orientado pelo Tenente-Coronel de Infantaria Francisco Proença Garcia, Professor na Universidade Católica Portuguesa.

A introdução pretende dar a conhecer o tema escolhido, através da divisão em duas partes: a descrição do assunto e o "estado de arte". A primeira parte justifica a escolha e delimitação do tema, o propósito da investigação, define a problemática, apresenta as respetivas hipóteses e variáveis e, por último, os entraves encontrados durante a investigação. A segunda parte apresenta uma breve contextualização do tópico, abrangendo matérias relacionadas com o mesmo e fazendo referência a fontes bibliográficas e às entrevistas concretizadas com o intuito de explorar o tema.

### **1.1. Descrição do tema**

O tema foi determinado pelo interesse pessoal em operações de paz e combate ao terrorismo. Durante a minha licenciatura em Relações Internacionais surgiu a necessidade de explorar o estudo de divergências entre religiões e culturas e os conflitos que se têm vindo a tornar cada vez mais complexos ao longo dos anos. Fui aprofundando este tema nas aulas do Mestrado através de estudos direcionados para segurança e defesa. Senti, nessa altura, uma enorme vontade em realizar um projeto de investigação relacionado com a segurança internacional e o combate ao terrorismo. Foi então que, em conversa com o Professor Miguel Monjardino, o tema específico relacionado com a Guerra no Afeganistão foi aflorado, e ele sugeriu-me devido à pertinência do estudo e atualidade do problema.

Mais tarde, de Setembro a Dezembro de 2015 fiz um estágio no Estado-Maior da Armada Portuguesa, onde tive a oportunidade de conhecer pessoas brilhantes e militares que viveram no Afeganistão e sentiram na pele a complexidade de tal operação. Assim surgiu a possibilidade de aprofundar o tema, investigando o papel dos portugueses neste tão complicado Teatro de Operações.

Embora o tema escolhido seja o estudo do papel das FFAA Portuguesas no Afeganistão, o propósito de investigação foi diversas vezes alterado ao longo do processo de exploração do tema. Inicialmente foi-me proposto investigar os contributos de todas as capacidades portuguesas desde o início da *International Security Assistance Force* até ao final. Mas o objetivo teve de ser alterado, uma vez que o processo se tornou insustentável, tanto pela falta de dados como pelo excesso dos mesmos. A seguir, considerou-se a hipótese de se explorar a ação das equipas Portuguesas responsáveis por treinar e assistir as Forças de Segurança Afegãs, mas a existência de um trabalho de investigação sobre as ações de mentoria de uma das capacidades Portuguesas - as OMLTs – e a sua ligação indireta à paz conseguida no Afeganistão, inviabilizou essa linha de pesquisa. Por fim, ficou decidido que o objetivo de investigação seria estudar a missão do 8º Contingente Nacional relativamente ao nível de segurança do Afeganistão, uma vez que foi a última equipa Portuguesa a integrar o teatro de operações do Afeganistão, no âmbito da ISAF.

### **1.1.1. Delimitação do objeto de estudo**

A escolha e a delimitação do objeto de estudo são ações imperativas para assegurar o êxito de qualquer investigação. Este analisa o empenhamento português no complexo Teatro de Operações no Afeganistão durante a missão *International Security Assistance Force* (ISAF), a comando da NATO, no ano de 2014. A missão ISAF teve início em 2001 e terminou em 2014 com a transferência total de autoridade para o Governo afegão, que

assumiu então a responsabilidade pela segurança do país. O 8ºCN representou a última participação Portuguesa na missão ISAF e, por sua vez, o último contingente português a presenciar a transferência total de autoridade para os afegãos.

Por conseguinte, o objeto de estudo é o 8º Contingente Nacional português, constituído por seis forças, e que operou no período entre Maio e Novembro de 2014. As forças constituintes do 8ºCN estudadas são as seguintes: Módulo de Apoio (MdA), Elemento de Segurança / Proteção da Força, Célula de Informações Militares (CIM), Pohantoon-e-Hawayee *Staff Adviser Team* (PeH SAT), *Military Advising Team* (MAT) e Cargos Isolados (CI).

### **1.1.2. Propósito de investigação**

Este trabalho de investigação pretende perceber, não só como é que o último empenhamento português contribuiu para a segurança do Afeganistão, mas também como decorreu a sua participação no período final da missão ISAF e a transferência da autoridade do país.

O propósito desta investigação encontra-se dividido em 3 objetivos específicos (OE), que pretendem facilitar o enquadramento do objetivo geral (OG). Assim, o OG do trabalho é o seguinte:

OG: Entender os contributos do 8º CN português na estabilização e na segurança do Afeganistão.

Os objetivos de investigação específicos associados a este trabalho, são os seguintes:

OE1: Saber qual a missão que competia a cada força participativa no 8ºCN português, e entender as diferentes tarefas para garantir a segurança no Afeganistão.

OE2: Identificar a evolução da situação de segurança de segurança do TO durante e imediatamente após o período de intervenção do 8ºCN.

OE3: Perceber a influência do 8ºCN português no quadro de segurança no TO durante a sua intervenção.

### **1.1.3. Questão principal e derivadas**

Após identificar o objeto de estudo e concluir a investigação necessária para o desenvolvimento deste projeto, levantaram-se três questões derivadas (QD) a partir de uma questão principal (QP), sendo estas as seguintes:

QP: De que maneira foi o 8ºCN foi capaz de garantir a estabilização e a segurança do Estado afegão ao longo do seu período de intervenção?

QD1: Quais foram as diferentes abordagens a questões de segurança efetuadas pelas missões do 8ºCN?

QD2: De que forma evoluiu o nível de segurança no TO no período de intervenção do 8º CN e depois dessa intervenção?

QD3: No seu período de intervenção, o 8º CN teve influência no quadro de segurança no Afeganistão?

### **1.1.4. Hipóteses**

De acordo com o objetivo de investigação foi possível identificar as seguintes hipóteses (H) para as respetivas QD:

H1: É possível identificar 6 forças com missões distintas e, por conseguinte, 5 diferentes abordagens em matérias de segurança: assessoria ao Exército afegão; assessoria à Força Aérea Afegã; produção de informação; apoio logístico e operações de segurança.

H2: Após o final da missão ISAF e, por sua vez, com o término da missão do 8º CN, o Afeganistão presenciou um aumento no número de incidentes e na diminuição da

independência operacional das Forças de Segurança Nacionais Afegãs (FSNA), levando à redução de segurança no Estado afegão.

H3: Durante o seu período de intervenção, o 8ºCN contribuiu para manter a segurança do Estado afegão, através das ações de assessoria às FSNA, da neutralização de insurgências e das atividades desenvolvidas de modo a garantir a segurança dos militares portugueses.

No final deste trabalho de investigação são apresentados os resultados da análise de dados recolhidos e a confirmação ou refutação das hipóteses construídas.

#### **1.1.5. Limites de investigação**

Um dos obstáculos encontrados no percurso científico prende-se com a falta de acesso aos Relatórios de Final de Missão de cada Contingente Nacional, que impossibilitou o acesso a informação que poderia complementar o trabalho, tal como informação relativa às capacidades das FSNA e à sua evolução. Embora a ISAF tenha terminado em 2014, a operação que a sucedeu nesse TO ainda se encontra a decorrer e, conseqüentemente, os documentos relativos à participação Portuguesa apresentam um nível de classificação que impede a sua divulgação.

Outro entrave à investigação foi a demora nas respostas por parte do EMGFA e do Exército devido à necessidade de aguardar a aprovação ao pedido de colaboração, uma vez que o conteúdo do trabalho apresentaria matérias sensíveis.

Uma das maiores limitações foi a impossibilidade de inquirir elementos de três capacidades participantes na missão. Embora tenham sido facultados contactos de inúmeros militares que participaram na ISAF, não foi possível questionar ninguém da equipa PeH SAT, da Célula de Informações Militares ou dos Cargos Isolados. Não sendo

considerado um grande entrave é igualmente importante referir que não foi possível inquirir elementos da Força Aérea Portuguesa e da Marinha Portuguesa.

Finalmente, deve-se salientar a impossibilidade de inquirir ou de entrevistar elementos do Estado Afegão, como as Forças de Segurança Nacionais Afegãs (militares do Exército ou da Força Aérea Afegã que tivessem mantido contacto com o 8ºCN durante esse período), ou do Governo afegão.

#### **1.1.6. Variáveis**

As variáveis escolhidas pretendem facilitar a comparação de dados de modo a proceder à análise final dos mesmos. As variáveis independentes (VI) e as variáveis dependentes (VD) complementam a análise de cada QD, facilitando então a verificação das hipóteses e a estruturação da conclusão.

Para a QD1 a variável dependente é “missão de segurança”, referente às diversas abordagens da missão, sendo que para esta foram escolhidas as seguintes variáveis independentes:

VIA1: Assessorar o Exército Nacional Afegão;

VIA2: Assessorar a Força Aérea Afegã;

VIA3: Produção de informação;

VIA4: Apoio logístico;

VIA5: Operações de segurança.

A QD2 apresenta uma variável dependente direccionada para a segurança no teatro de operações, sendo que esta varia consoante duas variáveis independentes que pretendem demonstrar a evolução do nível de segurança em dois períodos distintos:

VIB1: Indicadores de segurança do país em 2014;

VIB2: Indicadores de segurança do país em 2015.

Finalmente, a QD3 apresenta como variável dependente a “intervenção do 8ºCN” e uma variável independente:

VIC1: Evolução da segurança durante o 8ºCN.

Conceitos	Questão	Variável Independente	Variável Dependente
Diferentes abordagens de segurança	QD1	VIA1: Assessorar o Exército nacional Afegão	VDA: Missão de segurança
		VIA2: Assessorar a Força Aérea Afegã	
		VIA3: Produção de informação	
		VIA4: Apoio logístico	
		VIA5: Operações de segurança	
Evolução do nível de segurança no País	QD2	VIB1: Indicadores de segurança do país em 2014 VIB2: Indicadores de segurança do país em 2015	VDB: Segurança do TO
Contributos do 8º CN para a segurança do TO	QD3	VIC1: Evolução da segurança durante o 8ºCN	VDC: Intervenção 8º CN

Tabela nº1. Variáveis dependentes e independentes

### 1.1.7. Estrutura

A presente investigação encontra-se dividida em 6 capítulos com o propósito de alcançar uma organização consoante os objetivos específicos da pesquisa. O capítulo introdutório apresenta a "descrição do tema", expondo o propósito da investigação, e o "Estado da Arte", dando a conhecer a contextualização histórica. O segundo capítulo, reservado para os procedimentos metodológicos, apresenta as abordagens utilizadas para exploração inicial do tema e a análise dos dados obtidos.

Do terceiro ao quinto capítulo apresenta-se a recolha e a análise dos dados: o terceiro capítulo refere-se ao empenhamento português e pretende responder à QD1; o quarto apresenta a evolução do nível de segurança no Afeganistão durante o período de intervenção do 8ºCN, respondendo à QD2; e por fim, o quinto capítulo apresenta a análise de dados, com o objetivo de verificar a influência do 8º CN no país e responder à QD3.

O sexto capítulo apresenta a discussão e a conclusão dos resultados, através da seguinte estrutura: confirmação ou refutação das hipóteses; verificação dos objetivos; resposta às questões derivadas; recomendações e limites.



## 1.2. “Estado da Arte”

Este faz parte de um processo que evita a duplicação de investigações uma vez que procura dar a conhecer conceitos e trabalhos que existam relacionados com o tema. Para a exploração inicial do tema realizaram-se entrevistas e foram lidas obras relacionadas com o assunto. A pesquisa bibliográfica foi efetuada através da biblioteca digital do IESM, da biblioteca digital da NATO<sup>1</sup> e outras plataformas digitais de pesquisa de trabalhos de investigação em Relações Internacionais, especificamente relacionados com a segurança e guerra contra o terrorismo. Pela sua relevância para este trabalho, foram consultados os *websites* da *Resolute Support Mission*, da NATO, da UNAMA, e do Ministério da Defesa da República Islâmica do Afeganistão.

Anteriormente à escolha da QP, foram investigados diversos documentos relativos à Guerra no Afeganistão e à Guerra no Iraque com o intuito de perceber o desenrolar da ação e a importância da cooperação internacional na guerra contra o terrorismo. Os documentos oficiais da NATO, das Nações Unidas e da *Resolute Support Mission* serviram de base à contextualização do trabalho. Entre estes importa referir a importância dos seguintes documentos oficiais: o Acordo de Bonn, as Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, as Diretivas Táticas da ISAF e a estratégia da ISAF.

A informação obtida relativamente ao empenhamento português teve como base as Revistas dos Contingentes Nacionais da ISAF, determinadas edições do "Expresso do Oriente", a revista do Exército e o livro "Portugal: 12 anos de participação na ISAF".

É relevante mencionar a leitura e a pesquisa de outros trabalhos de investigação com temas pertinentes, tais como "A mentoria como caminho para a paz no Afeganistão: o caso das OMLT-D", "A participação da Força Aérea Portuguesa na International Security Assistance Force" e "A participação dos Comandos na ISAF". O primeiro trabalho

---

<sup>1</sup> "NATO Lib Guides", pode ser encontrada em: <http://www.natolibguides.info/welcome>.

mencionado apresenta uma temática semelhante à nossa, uma vez que refere a participação de uma das capacidades das FFAA Portuguesas na ISAF e os seus contributos para assegurar a paz do Afeganistão, através da mentoria, do treino e da assessoria ao Exército Afegão.

Para a resolução do glossário inicial e elaboração de determinados conceitos técnicos de cariz militar posteriores, foi utilizado o “Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms (Joint Publication 1-02)”, bem como documentos oficiais das FFAA Portuguesas.

Foram também realizadas entrevistas exploratórias ao Comandante Cardoso, ao Major General Guerra Pereira, do gabinete do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA), e ao Coronel de Infantaria Paraquedista Cardoso, Comandante do 8ºCN. Estas foram muito importantes para a delimitação do tema e para a contextualização da criação da ISAF, uma vez que as questões foram direcionadas para entender o empenhamento português.

### **1.2.1. Conceitos**

Os conceitos apresentados pretendem dar a conhecer o Teatro de Operações no Afeganistão, facilitando a análise e a interpretação dos resultados. Importa esclarecer o tipo de operação que foi a ISAF, definindo o conceito de "Operação de Contra Insurgência". "Terrorismo" e "segurança" são outros dois conceitos apresentados.

#### **1.2.1.1. Operação de Contra Insurgência (COIN)**

Para melhor se perceber o tema em questão, importa clarificar o tipo de operação desenvolvida no Afeganistão, sendo de maior importância entender os conceitos de "insurgência" e "operações de contra insurgência". A missão ISAF é considerada de

contrainsurgência, com especial foco em tarefas de estabilização: "ten years of counterinsurgency and stability operations in Iraq and Afghanistan" (Panetta, 2012).

A ISAF é considerada uma missão militar de contra insurgência, uma vez que pretende impedir o início de insurgências e a propagação de grupos rebeldes associados. Insurgência é "o uso organizado de subversão e violência para apreender, anular ou desafiar o controlo político de uma região. Por vezes o conflito começa antes de ser reconhecida a insurgência, permitindo que esta se propague e desenvolva" (Chairman of the Joint, 2013, pp. 28-29). O seu principal objetivo é adquirir o controlo político de determinada população ou território, muitas vezes dependendo das forças de segurança nacionais. Os grupos insurgentes desafiam forças governamentais pois visam torná-las incapazes de governar, dando início a uma alternativa política para controlar toda a população.

As operações de contrainsurgência (OPCI) são uma combinação entre "esforços civis e militares projetados, simultaneamente, para derrotar e conter rebeliões, incluindo a raiz do problema" (Chairman of the Joint, 2013, p. 50). O principal objetivo das OPCI é ajudar a nação anfitriã a assumir o controlo político sobre o seu território e os cidadãos, através da criação de um governo sustentável e legítimo, assegurando o combate a insurgências contra o mesmo. Este tipo de operação assume a "integração de capacidades, tipicamente associadas a operações de paz, assistência humanitária, operações de estabilização" (Chairman of the Joint, 2013, p. 71) e de ajuda de parceiros internacionais.

Importa ainda referir a existência de um foco em tarefas de estabilização, uma vez que a proporção entre tarefas ofensivas<sup>2</sup>, defensivas<sup>3</sup> e de estabilização diverge. Tal como foi referido anteriormente, a missão ISAF apresentou tarefas de estabilização do território, o que significa que o seu maior objetivo é "estabilizar o ambiente o suficiente para que a

---

<sup>2</sup> Procura derrotar o inimigo através de ação direta.

<sup>3</sup> Procura derrotar o inimigo com o tempo.

nação anfitriã consiga resolver as causas do conflito e *state failure*" (Department of the Army, 2014, p. 1). Este tipo de operações com ênfase no garante da estabilização de um País, pretende estabelecer condições para a transferência de autoridade para um governo legítimo, criar uma sociedade civil funcional e uma economia viável. As tarefas de estabilização podem apresentar 5 incidências diferentes (Department of the Army, 2014, p. 2): estabelecer segurança civil, estabelecer controlo civil, restaurar serviços essenciais, apoiar a governação e apoiar o desenvolvimento de estruturas económicas.

#### **1.2.1.2. Segurança e terrorismo**

"Segurança é a questão permanente mais profunda na política" (Heywood, 2011) pois não existe consenso relativamente à definição do conceito. Porém é possível encontrar diferentes abordagens que englobam os tipos de ameaça e desafios à estabilidade internacional. Atualmente, segurança é o termo utilizado para definir o bem-estar da população, incluindo diversos parâmetros como a segurança militar, política, económica, ambiental e energética. Contudo, uma vez que nos interessa entender o conceito de segurança num contexto tático e militar, esta é definida como as "medidas tomadas por uma unidade, atividade, ou instalação militar, para se proteger contra todos os atos destinados a, ou que possa, prejudicar a sua eficácia. Uma condição que resulta do estabelecimento e manutenção de medidas de proteção que garantem um estado de inviolabilidade de atos hostis ou influências." (US Department of Defense, 2010, p. 212). O conceito da questão securitária tem vindo a alterar-se ao longo dos anos pelo facto de surgirem novas ameaças e atores. Para além disso, a sua complexidade é discutida por diferentes ideologias que interpretam o panorama internacional.

"Terrorismo" é, hoje em dia, uma das palavras mais utilizadas e um dos conceitos mais temidos em todo o mundo. Até ao final do séc. XX, ações terroristas eram

consideradas ameaças de "segunda ordem" (Heywood, 2011, p. 208), muitas vezes ignoradas pelos líderes mundiais. O conceito recebeu uma nova conotação após o atentado do 9/11 com o aparecimento de atores não-estatais, evoluindo assim para uma ameaça transnacional prioritária na agenda dos Estados. Este conceito refere-se às "tentativas para alcançar fins políticos, através do uso da violência para instaurar um ambiente de medo" (Heywood, 2011, p. 284), adquirindo diversas formas que provocam fenômenos diferentes, como o uso de bombas, ataques através de meios de transporte, assassinatos, entre outros. Atoos terroristas procuram o uso da violência, muitas vezes "motivados por crenças religiosas, políticas ou ideológicas para instilar o medo e coagir governos e sociedades" (US Department of Defense, 2010, p. 247). São uma ameaça à segurança internacional visto que são considerados atos hostis que provocam a utilização de medidas de proteção para impedir que determinada população, Estado ou outro sejam prejudicados.

### **1.2.2. O problema Afegão**

"The story of Afghanistan is in so many ways a very tragic one" (Ritscher). Este País diversificado em etnias e grupos religiosos tem sido campo de batalha para diversos conflitos ao longo dos anos. Ameaças internas e externas moldam um dos países com um nível de fragilidade mais elevado no ranking mundial. Apesar de toda a história do País ser interessante do ponto de vista cultural e antropológico, apenas o início da intervenção soviética é relevante para contextualizar o problema criado pelos grupos insurgentes. A União Soviética decidiu intervir no Afeganistão após o *coup* em 1978<sup>4</sup> por parte do *Peoples Democratic Party of Afghanistan*, um partido comunista a favor dos Soviéticos que pretendia introduzir uma reforma secular no governo. Após a entrada da União Soviética no Afeganistão, os EUA decidiram que era necessário impedir a expansão

---

<sup>4</sup> Dados retirados de "Afghan Government".

comunista apoiando as Mujahadeen<sup>5</sup> através de treino e fornecimento de armas. Após um extenso conflito, a União Soviética abandonou o território e, os Estados Unidos, por sua vez, tendo alcançado o objetivo pretendido, também partiram. O país assistiu à continuação de uma guerra civil sangrenta e à disputa de poderes entre o partido pró-soviético e os Mujahadeen, que deixaram o Afeganistão frágil e sem um poder político sustentável para governar. Surgiu assim um movimento, composto maioritariamente por afegãos criados em campos de refugiados no Paquistão, que procurava terminar a governação por parte dos senhores Mujahadeen e "proteger os residentes de banditismo e extorsão" (Coll, Haass, & Lynch, 2015). Este grupo autodenominado "Taliban", palavra Pashto<sup>6</sup> que significa "buscadores de conhecimento", apoderou-se da cidade de Kabul, e proclamou o Afeganistão um "Emirado Islâmico" forçando a interpretação da sharia<sup>7</sup> e castigando quem não a cumprisse. Osama Bin Laden, exilado do seu país de origem, juntou-se aos Taliban e facultou-lhes recursos e armas para construírem o seu império rebelde.

Bin Laden já era considerado uma ameaça para os EUA e um dos líderes mais procurados a nível internacional. Após o ataque do 11 de Setembro em Nova Iorque e a recusa dos Taliban em entregar Bin Laden ao governo Americano, os EUA decidiram invadir o Afeganistão em Dezembro de 2001.

### **1.2.3. Criação da ISAF**

Pela primeira vez na história da NATO, o Artigo V do Tratado de Washington<sup>8</sup> foi evocado pelos países aliados, lembrando o princípio de defesa coletiva entre os Estados membros da organização, que dita que "um ataque armado a um ou mais da Europa ou

---

<sup>5</sup> Organizações fundamentalistas islâmicas que surgiram no Afeganistão no séc. XX com o intuito de empenhar a jihad.

<sup>6</sup> Idioma pertencente ao Afeganistão e Paquistão.

<sup>7</sup> Lei Islâmica.

<sup>8</sup> *Washington Treaty* ou *North Atlantic Treaty* é o tratado fundador da NATO, assinado a 4 de Abril de 1949 por 12 Estados;

América do Norte será considerado um ataque a todos (...)" (NATO, 1949). O artigo foi enunciado como ato de solidariedade para com os Estados Unidos da América após os ataques terroristas em 11 de Setembro de 2001.

Ainda no mesmo ano, o Conselho de Segurança (CS) das Nações Unidas adotou a Resolução 1381<sup>9</sup>, tal como previsto no Acordo de *Bonn*<sup>10</sup>, autorizando o estabelecimento de uma Força de Segurança de Assistência Internacional durante 6 meses na cidade de Kabul. Em Dezembro de 2001 o Reino Unido deu início à constituição da força multinacional e assumiu a liderança da "primeira missão da NATO fora da Europa desde a sua criação" (Saikal, 2006). O objetivo inicial desta missão era manter a segurança da cidade afegã e arredores, bem como garantir que as Autoridades Internas Afegãs<sup>11</sup> (AIA) fossem capazes de levar a cabo operações de reconstrução do país. O acordo criado pretendia também facilitar a parceria entre as Autoridades Internas Afegãs, a Missão de Assistência ao Afeganistão das Nações Unidas<sup>12</sup> (UNAMA) e a ISAF.

Em Agosto de 2003 a NATO assumiu a liderança da missão ISAF no Afeganistão responsabilizando-se pelo "comando, coordenação e planeamento da força", (NATO) dando término às rotações de liderança entre os países participantes e o estabelecimento de quartéis-generais a cada 6 meses. Em Outubro de 2003, o CS das Nações Unidas adotou uma nova resolução<sup>13</sup> autorizando a expansão da missão para o resto do país, com o propósito de "apoiar as Autoridades Internas Afegãs e os seus sucessores a manter a segurança em áreas do Afeganistão fora de Kabul e os seus arredores, para que as Autoridades Afegãs (...) consigam operar num ambiente seguro" (United Nations Security

---

<sup>9</sup> Resolução adotada a 20 de Dezembro de 2001 (ver Anexo 1);

<sup>10</sup> *Bonn Agreement* ou "Acordo sobre disposições provisórias no Afeganistão para o restabelecimento permanente de instituições governamentais", criado em Dezembro de 2001. Este acordo foi criado para delinear objetivos à reconstrução do Estado afegão (United Nations).

<sup>11</sup> O *Afghan Interim Administration* ou *Afghan Interim Authority* foi a primeira administração do Afeganistão após a queda do regime Talibã e início da missão ISAF.

<sup>12</sup> *United Nations Assistance Mission in Afghanistan*, operação estabelecida com o propósito de reconstruir o País, garantindo a paz e o desenvolvimento do Afeganistão. Esta foi criada em 2002 a pedido do Governo do Afeganistão.

<sup>13</sup> *Resolution 1510* (2003).

Council, 2003). O Conselho do Norte Atlântico autorizou a expansão da ISAF para o norte do país em 2003, para o oeste e o sul em 2005, e para o este em 2006 (NATO), atribuindo aos Estados-Membros diferentes províncias e, por sua vez, diferentes tarefas.

Em Janeiro de 2010, durante a Conferência de Londres, ficou estipulado que se deveria desenvolver um plano para a transição gradual da segurança do país, para a liderança afegã, de acordo com princípios estabelecidos entre o Governo afegão, a NATO e os Ministros presentes. O critério para a *Inteqal*<sup>14</sup> "exige que as Forças de Segurança Nacionais Afegãs, sob controlo afegão civil eficaz, serão capazes de enfrentar os desafios de segurança existentes e novos, com apoio contínuo da ISAF" (NATO Public Diplomacy Division). Assim, o processo de transição tem em consideração: a capacidade das Forças de Segurança Nacionais Afegãs em assumir tarefas relacionadas com a segurança do país com uma menor assistência da ISAF; o nível de segurança e ameaças nos distritos; o grau de desenvolvimento da governação. O processo teve início em 2011 e terminou em Dezembro de 2014, com o final da ISAF.

#### **1.2.4. Objetivos da ISAF**

Após a transferência de liderança para a NATO, os principais objetivos da missão ISAF eram "garantir que o governo afegão fornecesse segurança efetiva em todo o país e desenvolvesse forças de segurança afegãs para garantir que o Afeganistão nunca mais se tornasse um refúgio para terroristas" (NATO, 2015). Assim, é possível dividir a missão da ISAF em três áreas de intervenção<sup>15</sup>, com objetivos diferentes: garantir a segurança; apoiar no desenvolvimento e reconstrução do país; e aperfeiçoar a governação salvaguardando os Direitos Humanos. Uma vez que o presente trabalho de investigação pretende focar-se apenas na questão securitária, interessa aprofundar este tópico, referindo a existência de

---

<sup>14</sup> Palavra usada em Dari e Pashtu para "transição".

<sup>15</sup> Decidiu-se fazer esta separação em três ramos de atuação principais da ISAF, de modo a facilitar a explicação das atividades desenvolvidas (NATO, 2006)



dois pilares: o recurso a operações de contra insurgência e de estabilização; a reforma das Forças de Segurança Nacionais Afegãs. De modo a garantir a segurança do Afeganistão, os Estados participantes conduziram operações de estabilização e segurança por todo o País, em colaboração com as Forças de Segurança Nacionais Afegãs, de modo a combater grupos insurgentes. Além disso, a ISAF estabeleceu operações de treino, de mentoria e de assessoria às FSNA para apoiar no aumento das suas capacidades de modo a que, no final da intervenção da ISAF, estas fossem capazes de garantir a segurança do Afeganistão, impedindo a insurgência de grupos terroristas.

### **1.2.5. Participação Portuguesa**

As Forças Armadas Portuguesas são atualmente constituídas por cerca de 32990 militares de nacionalidade portuguesa, pertencentes aos três ramos: 26% são do Estado-Maior da Armada (EMA), 54% do Estado-Maior do Exército (EME) e 20% do Estado-Maior da Força Aérea (EMFA)<sup>16</sup>. O seu principal propósito é garantir a defesa do território nacional e da sua população contra ameaças externas, contudo a defesa coletiva e as operações internacionais têm sido uma prioridade crescente na agenda portuguesa. No âmbito internacional, a Constituição da República Portuguesa prevê que um dos deveres das Forças Armadas é "satisfazer os compromissos internacionais do Estado português no âmbito militar e participar em missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte". Sendo Portugal um dos membros fundadores da NATO, tendo aderido as Nações Unidas em 1955, e entrando para a União Europeia em 1986, o seu papel enquanto *player* internacional tem sido cada vez mais ativo, contando com uma crescente participação em operações humanitárias. As FFAA Portuguesas

---

<sup>16</sup> Dados retirados da página da web oficial do EMGFA (EMGFA, 2016).

participaram já em 18 missões, entre elas a ISAF, e encontram-se atualmente destacadas em 13 missões<sup>17</sup> na zona do Mediterrâneo, África, Ásia Central, Médio Oriente e Europa.

A participação portuguesa na ISAF foi decidida a nível político, entre o Ministério da Defesa e o Estado-Maior General das Forças Armadas Portuguesas, determinando o dever de Portugal cumprir as suas obrigações enquanto membro de uma aliança intergovernamental. Uma vez que um dos pilares desta aliança é a defesa coletiva, "existe uma responsabilidade para com a NATO" (Pereira, 2015) no garante da estabilidade e da segurança do ambiente internacional, fora das fronteiras nacionais, através da cooperação entre Estados membro da Aliança. Assim, "no quadro dos compromissos internacionalmente assumidos por Portugal" (Exército Português), os militares portugueses integraram a missão ISAF em 2002. A participação portuguesa durou 12 anos, foi composta por cerca de 3200<sup>18</sup> militares de ambos os géneros e por equipas constituídas pelos três ramos das FFAA.

Inicialmente, Portugal enviou uma Equipa Sanitária e um destacamento C-130 em 2002, para apoiar o regime médico do Reino Unido e para apoiar a Força Aérea da coligação e a ISAF, respetivamente. O início da participação Portuguesa na ISAF contou com a presença de 23 militares: 8 na Equipa Sanitária e 15 no destacamento C-130. A partir de 2004 foram destacadas outras equipas<sup>19</sup>, e em Outubro de 2010 foram criados os Contingentes Nacionais, nome atribuído às unidades militares portuguesas responsáveis por levar a cabo a missão no Afeganistão. Foram criados 8 Contingentes Nacionais com uma missão de 6 meses cada. Estes contingentes apresentavam uma estrutura semelhante entre si, contudo cada um deles foi liderado por um Comandante de Contingente Nacional diferente. Os Comandantes de Contingente assumiram o papel de representante do CEMGFA "junto das autoridades NATO e locais, constituindo-se como o único

---

<sup>17</sup> Dados retirados da página da web oficial do EMGFA (EMGFA, 2016).

<sup>18</sup> Dados retirados de " Portugal: 12 anos de participação na ISAF" (Cardoso, 2014).

<sup>19</sup> Ver Anexo 2 "Quadro de distribuição temporal de capacidades Portuguesas na ISAF"

interlocutor do CN com o EMGFA, assumindo a (...) coordenação das atividades" (Cardoso, 2014, p. 93).

A participação Portuguesa na ISAF contou com 17 capacidades diferentes, a saber: destacamento sanitário, destacamento C-130, equipas da Força Aérea, *Tactical Air Control Party* (TACP), Grupo de Comando de KAIA, *Quick Reaction Force* (QRF), *Operational Mentor and Liaison Team - Guarnicao* (OMLT-G), *Operational Mentor and Liaison Team - Divisao* (OMLT-D), *Military Advisor Team* (MAT), Unidade/Modulo de Apoio, Elemento de Segurança/ Proteção da Força, Destacamento Medico ROLE 2, Célula de Informações Militares (CIM), Guarda Nacional Republicana, *Pohantoon-e-Hawayee Staff Advisory Team* (PeH SAT), KAIA APOD *Force Protection Coy* e *Crisis Establishment* (CE). Portugal foi um país exemplar na missão ISAF, não só por cumprir as missões que lhe foram sendo atribuídas, mas também por representar um dos países com menos *caveat*<sup>20</sup>, sendo que “são apenas limitadas as operações de combate acima dos 3 mil metros de altura” (Rodrigues, 2011). A participação Portuguesa terminou no final do ano de 2014 com a chegada dos últimos elementos a Portugal, após a transferência total de autoridade para o Governo afegão e para as Forças de Segurança Afegãs.

---

<sup>20</sup> Designação usada com uma classificação para limitar ainda mais a divulgação de informações restritas (Military Dictionary, 2008)

## 2. Metodologia

A análise do tema recorre ao **método hipotético-dedutivo**<sup>21</sup> (método H-D), uma vez que se pretende formar e testar hipóteses com o intuito de chegar a conclusões, deduzindo a veracidade das variáveis em questão.

Para este trabalho de investigação considera-se a utilização da estratégia de investigação **quantitativa**. Embora a recolha de dados para a fase inicial de exploração do tema se foque no método qualitativo, pois utiliza entrevistas para a recolha de dados, a fase analítica emprega o método quantitativo, uma vez que se recorre à utilização de inquéritos por questionário para a recolha de dados e se analisam os mesmos através de uma relação entre variáveis.

A presente abordagem metodológica foi selecionada de acordo com o manual de "Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação"<sup>22</sup>, do Instituto de Estudos Superiores Militares.

### 2.1. Exploração do tema

Optou-se por se classificar o método de investigação para a exploração inicial do tema e a análise dos dados recolhidos posteriormente. A estratégia escolhida para a exploração do tema é a qualitativa pois a recolha de dados é realizada através de entrevistas, de modo a compreender as perspetivas e as experiências de indivíduos. Esta fase inicial pretende apenas aprofundar o tema e perceber em que contexto a missão ISAF foi criada, bem como os motivos que levaram Portugal a participar.

---

<sup>21</sup> "Procedimento para a construção de uma teoria científica que conta que os resultados, obtidos através de observação direta e experimentação e que por meio de inferência irão prever outros efeitos que podem ser confirmadas ou desmentidas por evidências empíricas derivadas de outras experiências (Encyclopaedia Britannica, s.d.)

<sup>22</sup> (Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos, 2014)

Os dados utilizados para esta fase inicial de pesquisa foram recolhidos através de entrevistas semi-estruturadas<sup>23</sup>. As entrevistas semi-estruturadas apresentaram um guião de perguntas flexível, com perguntas não inteiramente livres ou fechadas. Foram realizadas três entrevistas iniciais, ao Sr. Comandante Velloso<sup>24</sup>, Sr. Major General Guerra Pereira<sup>25</sup> e ao Sr. Coronel de Infantaria Marques Cardoso<sup>26</sup> para as quais foram criados dois guiões distintos que se encontram nos Anexos deste trabalho. Ambas as entrevistas concretizaram-se em Setembro, sendo que a primeira foi realizada a 9 de Setembro de 2015 e englobou 9 questões; a segunda a 11 de Setembro de 2015 e englobou 5 questões; a segunda apresentou 3 questões e foi feita a 24 de Setembro de 2015.

Para a gravação de áudio foi utilizado um telemóvel HTC X através da aplicação de gravação sonora.

Realizou-se uma breve análise às respostas dos entrevistados, uma vez que o seu conteúdo é utilizado apenas para explorar o tema e facilitar a contextualização do mesmo.

## **2.2. Metodologia analítica**

A fase analítica indica quais os processos utilizados para a análise dos dados recolhidos de acordo com a estratégia e *design* de pesquisa previamente definidos. Assim, a etapa analítica compreende os seguintes elementos: a seleção da amostra, a estratégia para a análise e, por fim, como se procedeu para a recolha e análise dos dados.

### **2.2.1. Amostra**

A amostra selecionada é não probabilística (ou empírica) e intencional, uma vez que, de uma determinada população, se escolheu um grupo específico para ser pesquisado.

---

<sup>23</sup> Ver guião da entrevistas realizadas em Anexo 1, 2 e 3.

<sup>24</sup> Ver Anexo 1.

<sup>25</sup> Ver Anexo 2.

<sup>26</sup> Ver Anexo 3. O Cor Inf Marques Cardoso foi o Comandante do 8º Contingente Nacional Português durante a missão ISAF

Neste caso a amostra foi composta por 11 oficiais do Estado-Maior do Exército, constituintes do 8<sup>o</sup>CN, especificamente das seguintes capacidades: equipa *Military Advisory Team*, Unidade / Módulo de Apoio e Proteção da Força.

### **2.2.2. Estratégia**

A escolha de uma estratégia quantitativa deu-se devido ao facto de se ter optado por escolher "um subgrupo da população a estudar, que seja representativo do universo de estudo" (Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos, 2014) e pelo facto de a recolha de dados ser feita, maioritariamente, através de inquéritos por questionário e por dados documentais.

Elegeu-se um *design* de pesquisa "estudo de caso" pois este é pertinente "quando a investigação engloba uma questão descritiva ou explicativa" (Sagepub). Foi este o *design* escolhido uma vez que o presente trabalho apresenta diversas variáveis e poucas unidades de análise.

### **2.2.3. Recolha e análise de dados**

Recorreu-se às principais técnicas de recolha de dados das Ciências Sociais, as documentais e não documentais.

A primeira técnica escolhida é a documental escrita clássica, uma vez que pretende recolher informação de documentos públicos, como livros de conteúdo relevante, relatórios de missão e teses de investigação. Esta técnica pretende também colher dados estatísticos para investigar a QD2, relativamente à evolução do ambiente de segurança no Afeganistão.

A técnica não documental recorre à observação não participante, através do inquérito por questionário. Os questionários são de opinião e contém um misto de perguntas abertas de ação e de escolha múltipla de avaliação, pois destinam-se a procurar experiências subjetivas e a analisar as informações conseguidas. Foram realizados

questionários<sup>27</sup> a 11 indivíduos pertencentes ao 8ºCN com 7 questões no total. A Q1 é a única questão aberta de ação com o objetivo de obter uma resposta direta relacionada com as atividades desenvolvidas, no passado, pelos inquiridos. As questões seguintes, da Q2 à Q7, são de escolha múltipla de avaliação, uma vez que apresentam 5 hipóteses para captar graus de intensidade relativamente a determinada experiência. A Q1 pretende recolher informação relevante para responder à QD1, no que diz respeito à missão do 8ºCN e as tarefas concretizadas no âmbito securitário; as seguintes questões pretendem assegurar a recolha de informação para responder à QD3, de modo a entender o contributo do 8ºCN para a segurança do Afeganistão.

A análise de dados segue a estratégia de investigação quantitativa visto que permite testar teorias através do estabelecimento de relações entre variáveis previamente escolhidas pelo investigador. Assim, foi utilizado um método de análise de acordo com o tipo de dados recolhidos: método "quantitativo descritivo", com incidência em bivariada e univariada.

O método "quantitativo descritivo bivariado" pretende analisar a relação entre duas variáveis. Os dados recolhidos no capítulo 4 são analisados através deste método pois apresentam uma comparação entre ambos, dando a conhecer a evolução do nível de segurança entre os anos 2014 e 2015.

A análise "quantitativa descritiva univariada" pretende estudar a frequência de distribuição de uma variável. Os dados recolhidos no capítulo 5 são analisados de acordo com este método pois pretende-se saber com que frequência é escolhida determinada variável. Neste capítulo os elementos para análise foram recolhidos através de um questionário e procura a opinião dos inquiridos relativamente aos contributos do 8ºCN.

---

<sup>27</sup> Ver Anexo 5

### **3. Empenhamento Português**

O capítulo presente expõe o empenhamento português durante o período de 2014, isto é, demonstra quais as capacidades das FFAA que participaram no 8º contingente nacional. Pretende-se responder à QD1: "Quais as diferentes abordagens a questões de segurança efetuadas pelas missões do 8ºCN?". Para a recolha de dados foi realizado um inquérito por questionário, que apresentou uma questão inicial (Q1) - "Qual foi a missão confiada à sua capacidade? Isto é, quais os objetivos principais?" de modo a entender quais as missões confiadas às capacidades e as abordagens no âmbito da segurança. O livro compilado pelo 8ºCN bem como as revistas dos diversos contingentes, foram utilizados para recolher e complementar informação.

#### **3.1. Forças participantes e missão do 8º CN**

A ISAF contou com missões diferentes de modo a conciliar as necessidades do Estado afegão. Uma vez que a nossa investigação se foca em matérias de segurança no país, é pertinente perceber qual o tipo de apoio facultado para garantir a segurança do mesmo, visto que, de acordo com as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o "principal papel da ISAF é assistir o Governo afegão na criação de um ambiente estável e seguro" (European Parliament, 2010). As capacidades presentes no TO tinham como objetivo levar a cabo operações de segurança e de estabilização em cooperação com as Forças de Segurança Nacionais Afegãs (FNSA), e contribuir para o desenvolvimento das mesmas. Isto significa que os militares dos Estados-Membros da NATO não só conduziram operações de segurança, mas também apoiaram a formação das FSNA para que elas fossem capazes de garantir a paz no país, impedindo a ressurgência de grupos terroristas.



Tal como referenciado na parte introdutória do trabalho, o objeto de estudo escolhido é o "8º Contingente Nacional Português" e o seu período de intervenção entre 12 de Maio de 2014 e 28 de Novembro de 2014<sup>28</sup>. Durante esses 6 meses o 8ºCN presenciou o final da *Inteqal* e o final da ISAF.

O último contingente nacional foi composto pelo Comandante de Contingente, Módulo de Apoio (MdA), Elemento de Segurança / Proteção da Força (capacidade pertencente à Unidade / Módulo de Apoio), Célula de Informações Militares (CIM), Pohantoon-e-Hawayee *Staff Adviser Team* (PeH SAT), *Military Advisory Team* (MAT) e Cargos Isolados (CI).

### **3.1.1. Military Advisory Team**

A primeira equipa das *Military Advisory Team* foi destacada no 4ºCN com o propósito de treinar, aconselhar e assistir as Forças de Segurança Afegãs em Kabul. Em Janeiro de 2014 determinou-se que a última MAT Portuguesa a operar na 111ª Capital Division<sup>29</sup> (111ª CapDiv) em Kabul seria constituída por 8 militares do Exército português para dar ações de assessoria ao Exército Nacional Afegão. A MAT do 8ºCN tinha como principal objetivo manter um ambiente de segurança na cidade de Kabul e facultar assistência ao Comando<sup>30</sup> e Estado-Maior da divisão do Exército afegão.

De acordo com as respostas dadas à Q1, percebe-se que a principal função desta capacidade é desenvolver atividades de "assessoria à 111ª CapDiv", isto é, assegurar a formação do Exército Nacional Afegão. As tarefas realizadas foram as seguintes: assessorar os quadros da 111ª CapDiv; assessorar o General de Engenharia da 111ª

---

<sup>28</sup> Dados retirados de "Portugal: 12 anos de participação ISAF"

<sup>29</sup> Divisão do Exército afegão, localizada em Kabul

<sup>30</sup> "Comando" é o nome atribuído às "forças que conduzem operações de combate, de natureza eminentemente ofensiva, de forma independentemente ou em apoio de outra" (Exército Português, 2010).

CapDiv; assessorar o Command Sargeant Major da 111ª CapDiv; dar formação na área de logística; e assessorar o Estado-Maior (EM) da 111ª CapDiv.

### **3.1.2. Unidade/Módulo de Apoio (Elemento de Apoio de Serviços e Elemento de Segurança e Proteção)**

A Unidade/Módulo de Apoio encontra-se dividida em dois elementos principais: Elemento de Apoio de Serviços (constituído por equipas de finanças, pessoal, manutenção e transporte, logística, sanitária e de transmissões) e o Elemento de Segurança e Proteção da Força<sup>31</sup>. Esta Unidade tinha como principal objetivo apoiar, a nível logístico e administrativo, as equipas OMLT<sup>32</sup> e MAT. Após 2013 esta capacidade alterou a sua localização de *Camp Warehouse* para KAIA<sup>33</sup> Norte, até ao final da ISAF. As respostas à Q1 do questionário realizado demonstram que "o Módulo de Apoio teve como principal tarefa garantir o funcionamento, a sustentação e a proteção dos componentes que integraram o 8ºCN do TO, e quando necessário apoiar outros militares portugueses em missão no Afeganistão" (Almeida, 2016).

O Elemento de Apoio de Serviços repartiu-se em 6 equipas: equipa de pessoal, responsável pela coordenação do pessoal; equipa de logística, responsável pela gestão de materiais e apoio à sustentação da força; equipa de finanças, com o propósito de administrar os custos relativos à missão; equipa de manutenção e transporte, responsável pelos equipamentos utilizados pelo Elemento de Proteção e equipas MAT; equipa sanitária, com o objetivo de acompanhar o hospital em KAIA; e a equipa de transmissões, que garantia a comunicação entre as forças. As principais tarefas deste Elemento de Apoio de Serviços eram a produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO; a

---

<sup>31</sup> Dados retirados de "Portugal: 12 anos de participação ISAF" (Cardoso, 2014).

<sup>32</sup> As *Operation Military Liason Team* tinham como principal objetivo facultar assistência às FSNA.

<sup>33</sup> KAIA é o acrónimo utilizado para *Kabul International Airport*.

produção de informação para o EMGFA; e apoio logístico para a sustentação do Contingente (repartido pelas 6 equipas).

O Elemento de Segurança / Proteção da Força elemento foi destacado para "garantir a proteção e segurança de todos os elementos do CN" (Cardoso, 2014, p. 80). As tarefas deste elemento foram o desenvolvimento das atividades operacionais do Comando e o apoio logístico ao contingente nacional.

### **3.1.3. Célula de Informações Militares (CIM)**

Esta capacidade tinha como principal propósito "proporcionar o conhecimento necessário e oportuno ao decisor" (Cardoso, 2014, p. 84) em missões militares. As suas principais tarefas passaram pela produção de informação para garantir a segurança e proteção do Contingente e produção de informação para o EMGFA, em Portugal.

### **3.1.4. Pohantoon-e-Hawayee Staff Adviser Team (PeH SAT)<sup>34</sup>**

Esta capacidade diz respeito à participação da Força Aérea Portuguesa na Academia da Força Aérea Afegã (FAA), situada em Kabul. Constituída por uma equipa de 5 militares portugueses, o seu principal objetivo era assessorar a Força Aérea Afegã, tanto o Estado-Maior como o Comando. Salienta-se a sua colaboração nas ações de formação e treino em diversos cursos, tais como o *Professional Military Education*<sup>35</sup>, o *Instructor Development Program*<sup>36</sup>, o *Program Dgree*<sup>37</sup>, e o *Operations Center*<sup>38</sup>. As principais tarefas confiadas a esta equipa eram a instrução e formação de formadores da FAA e a assessoria à FAA.

---

<sup>34</sup> "PeH" é o nome atribuído à Academia da Força Aérea Afegã.

<sup>35</sup> Este garantiu a formação dos militares afegãos da Força Aérea.

<sup>36</sup> Garantiu a formação e certificação de formadores.

<sup>37</sup> Certificação de instrutores e consolidação do grau académico de bacharelato.

<sup>38</sup> Atividades operacionais da FAA supervisionadas pela equipa Portuguesa.

### 3.1.5. Cargos Isolados (Crisis Establishment)

Os Cargos Isolados (cargos de Crisis Establishment) foram criados com o propósito de auxiliar os Comandos<sup>39</sup>, ou seja, a sua principal tarefa era assistir às operações de segurança dos Comandos.

### 3.2. Conclusões

Relativamente ao empenhamento português, verifica-se a existência de tarefas concluídas com o propósito de garantir a segurança do TO e dos militares.

De acordo com as respostas dadas à primeira pergunta do questionário percebe-se que, efetivamente o 8ºCN apresentou tarefas com o propósito de garantir a segurança do TO, através de inúmeras abordagens. De acordo com as respostas à questão 1 (Q1), formou-se uma tabela que representa as palavras utilizadas com maior frequência, de acordo com as variáveis independentes escolhidas para analisar este capítulo:

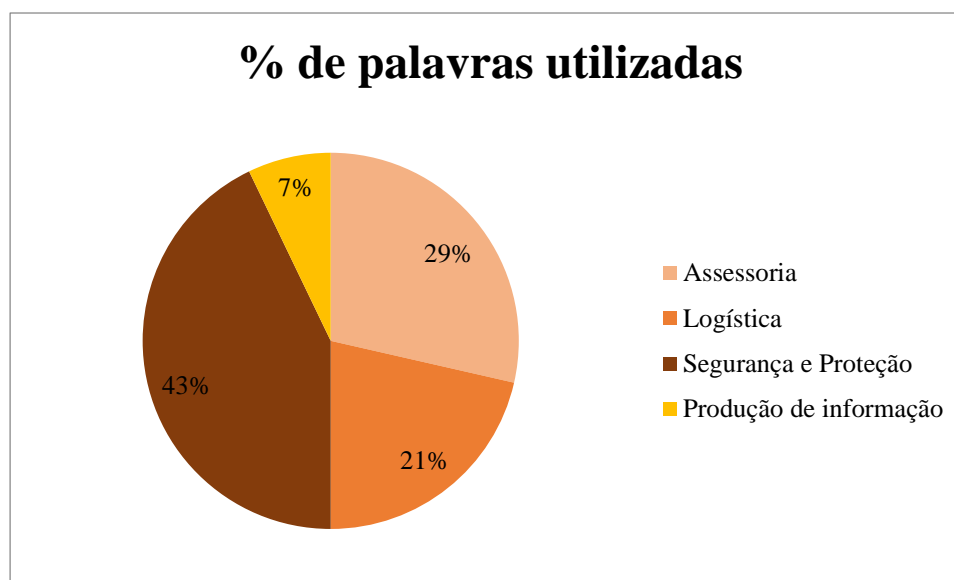


Gráfico 1. Frequência de utilização de determinada palavra pelos inquiridos

<sup>39</sup> As unidades de “Comandos” são forças que conduzem operações de combate, de natureza eminentemente ofensiva, de forma independentemente ou em apoio de outras Forças, em condições de elevado risco de exigência (Exército Português, 2010)

Nas respostas dadas pelos inquiridos, as palavras "segurança e proteção" são mencionadas em 43% das respostas. A palavra "assessoria" é citada 4 vezes, resultando em 29% das respostas; a palavra "logística" é mencionada 3 vezes pelos inquiridos, ou seja, 21% do total; e a expressão "produção de informação" é referida por 1 inquirido, isto é, em 7% das respostas.

Após uma análise à informação recolhida é possível responder à QD1 "Quais as diferentes abordagens a questões de segurança efetuadas pelas missões do 8ºCN?", compilando as tarefas de cada capacidade, tal como verificado na tabela em baixo.

<b>Capacidade</b>	<b>Tarefa</b>
MAT	Assessorar os comandos e o EM do Exército Afegão
PeH SAT	Assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã
CIM	Produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO
Un/Mod Apoio	Desenvolver atividades operacionais do Comando
	Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente
CI	Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente

**Tabela 1. Tarefas do 8ºContingente Nacional**

Verifica-se então a existência de 5 tarefas confiadas ao 8ºContingente Nacional com o intuito de contribuir para a segurança do Afeganistão:

1. Assessorar os comandos e o EM do Exército Nacional Afegão;
2. Assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã;
3. Desenvolver atividades operacionais do Comando;
4. Produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO;

5. Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente;

## 4. Segurança no Afeganistão

A participação portuguesa na ISAF teve uma duração de 12 anos num Teatro de Operações que variou ao longo do tempo. A situação securitária do Afeganistão alterou-se de acordo com inúmeras variáveis, tais como o aparecimento de novas ameaças, o combate a insurgências, os treinos às Forças de Segurança Nacionais Afegãs, entre outros.

Assim, no presente capítulo pretende-se dar a conhecer, de acordo com dados oficiais, o nível de segurança no País durante a participação do 8º Contingente Nacional português e após o final da missão. Para tal foram recolhidos dados através da escolha de indicadores de segurança e através das questões 5 (Q5) e 7 (Q7) do questionário dirigido aos participantes do 8ºCN.

### 4.1. Escolha de indicadores

A escolha dos indicadores<sup>40</sup> fez-se através da consulta de diversos documentos e agências que abordam o tema da segurança internacional e estabilização, nomeadamente a Declaração de Geneve<sup>41</sup>, a UNAMA, European Asylum Security Office (EASO) e resoluções do Conselho de Segurança da ONU. Para além dos relatórios provenientes destas entidades, a elaboração deste capítulo contou com a consulta das seguintes fontes secundárias para a escolha de indicadores e recolha de dados: Asia Foundation, iMMAP e Governo dos Estados Unidos da América.

Tal como referido no capítulo "Estado de Arte", a ISAF apresentou como principais objetivos recorrer a operações de contra insurgência e estabilização, bem como reformar as

---

<sup>40</sup> Indicador: "a quantitative or qualitative factor or variable that provides a simple and reliable means to measure achievement, to reflect the changes connected to an intervention, or to help assess the performance of a development actor" (Jim Parsons, 2013)

<sup>41</sup> A *Geneva Declaration on Armed Violence and Development* é "uma iniciativa diplomática" (Geneva Declaration) com o objetivo de verificar a relação entre conflitos armados e desenvolvimento. Esta foi adotada em 2006 por 42 Estados. Esta declaração apresenta indicadores que verificam o aumento ou decréscimo do nível de segurança de determinado País, como a ocorrência de crimes.

Forças de Segurança Nacionais Afegãs. Uma vez que a ISAF apresenta estes dois objetivos principais, separaram-se e distribuíram-se as 5 tarefas principais pelos dois objetivos da ISAF, representados na tabela 2, para que a escolha dos indicadores e, por sua vez, a análise dos resultados fosse mais facilmente alcançada.

Capacidade	Tarefa	Objetivo ISAF
MAT	Assessorar os comandos e o EM do Exército Afegão	Reformar as Forças de Segurança Nacionais Afegãs
PeH SAT	Assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã	
CIM	Produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO	Apoio a operações de contra insurgência e estabilização
Un/Mod Apoio	Desenvolver atividades operacionais do Comando	
	Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente	
CI	Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente	

Tabela 2. Tabela de apoio à verificação da evolução securitária no Afeganistão

Então, as tarefas de "assessorar os comandos e o EM do Exército afegão " e de "assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã" são incluídas no objetivo de reformar as FSNA. As MAT e as PeH SAT foram responsáveis pela assessoria às Forças de Segurança Nacionais Afegãs, especificamente ao Exército afegão e à Força Aérea Afegã, respetivamente. Assim, é pertinente estudar a evolução destes dois ramos das FSNA visto que, ao combaterem insurgências e ao impedirem ataques terroristas, contribuem diretamente para a segurança do país. Durante o processo da *Inteqal*, a autoridade sobre a segurança do país foi transferida para as Forças de Segurança Nacionais Afegãs, que no final de 2014 deveriam ser capazes de operar de maneira independente, garantindo a segurança da população e impedindo a insurgência de grupos anti governo.



Assim é necessário perceber o nível de independência e eficácia das FSNA visto que estas contribuem diretamente para a segurança da nação. Devido à escassez de indicadores e de avaliações constantes à capacidade operacional das mesmas escolheu-se estudar a sua capacidade de garantir a segurança da população através do número de vítimas por culpa das FSNA. Os indicadores escolhidos para estudar as mesmas são os seguintes:

- Número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs;
- Número de vítimas civis por culpa do Exército Nacional Afegão;
- Número de vítimas civis por culpa da Força Aérea Afegã.

As tarefas do CIM, Unidade/Módulo de Apoio e Cargos Isolados eram "desenvolver atividades operacionais do Comando", "produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO" e "apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente". Visto que representavam apoio direto a atividades para garantir a segurança do TO, são atribuídas ao objetivo de desenvolver operações de contra insurgência e estabilização. Uma vez que um dos principais objetivos do 8<sup>o</sup>CN era garantir a segurança do TO e militares portugueses, contribuindo para a segurança e estabilização do país, é pertinente perceber a evolução da situação securitária do mesmo. Pretende-se comparar a situação securitária da região de Kabul entre 2014 e 2015, sendo que os dados recolhidos compreendem os meses de Janeiro a Dezembro dos respetivos anos. Contudo apresenta-se o nível de segurança em todo o país para se perceber a ligação entre a província de Kabul e a situação securitária de todo o território afegão. Existem diversos indicadores relevantes que mostram a evolução do nível de segurança do Afeganistão, no entanto escolheram-se os seguintes pela facilidade em comparar os mesmos nos dois anos:

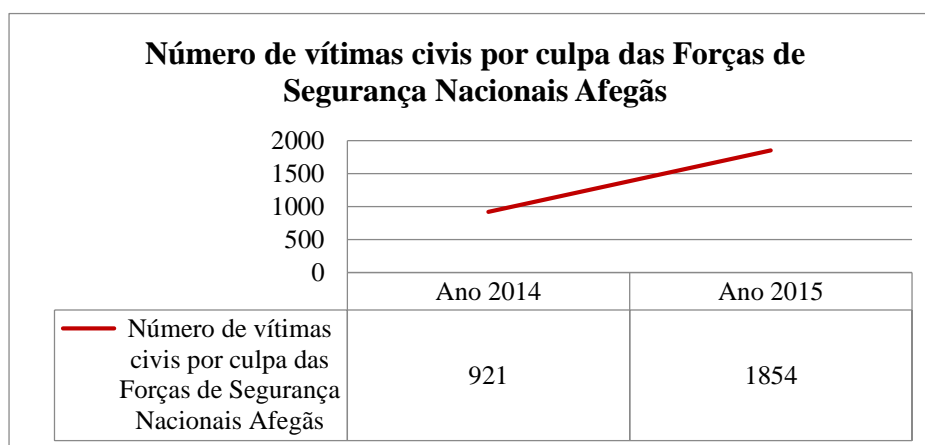
- Número de incidentes de segurança em todo o Afeganistão;

- Número de vítimas de conflito em todo o Afeganistão;
- Número de vítimas de conflito na região central;
- Número de ataques iniciados por inimigos em Kabul;

Dado que as capacidades constituintes do 8ºCN operaram na província de Kabul, especificamente na cidade de Kabul, os dados recolhidos apresentam a evolução da situação securitária desse local. É pertinente lembrar que as forças operaram em KAIA, na 111ª CapDiv e em Pol-e Charkhi, situadas na cidade de Kabul, no ano de 2014.

#### 4.2. Evolução do nível de segurança no Afeganistão

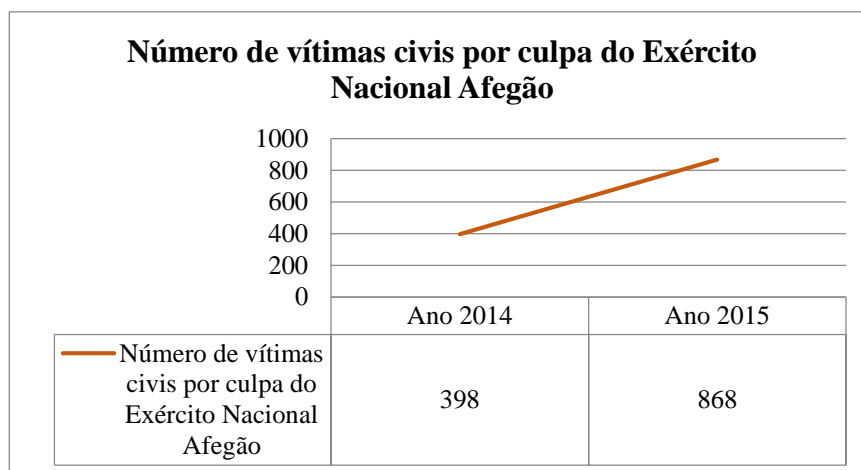
No ano de 2014 foram atribuídas às Forças de Segurança Nacionais Afegãs 921 casos de vítimas civis<sup>42</sup> (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2015). Em 2015 verificou-se um acréscimo de 28% deste número, tendo sido atribuídos 1854 casos (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2016).



**Gráfico 2. Evolução do número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs, entre 2014 e 2015**

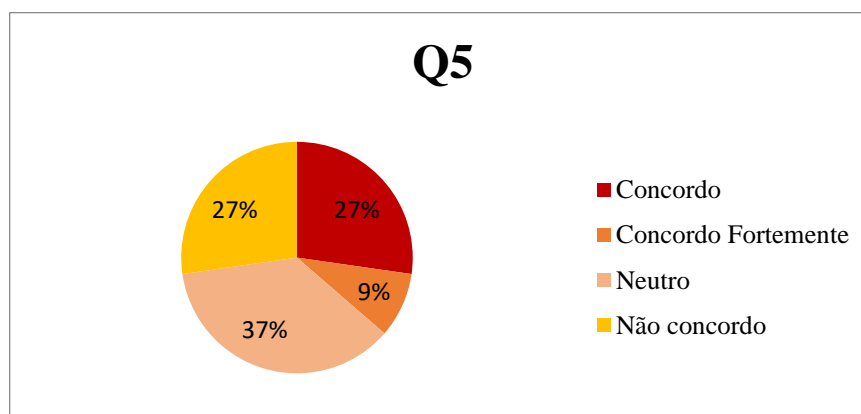
<sup>42</sup> Inclui óbitos e feridos

Relativamente ao Exército Afegão, este foi responsável por 398 vítimas em 2014 e 868 vítimas em 2015 (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2016).



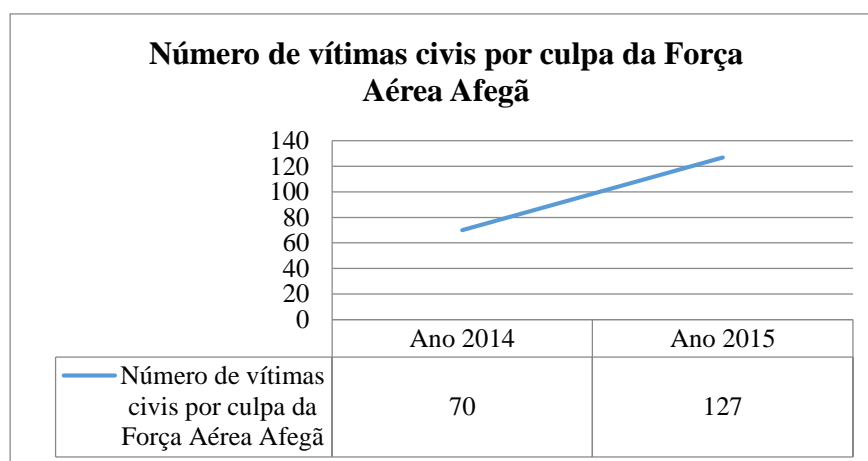
**Gráfico 3. Evolução do nº vítimas civis por culpa do Exército Nacional Afegão entre 2014 e 2015**

A questão 5 (Q5) permite perceber se "o Exército afegão é capaz de operar de maneira independente e garantir a segurança do Estado afegão, após o final da ISAF". Verifica-se que 27% dos inquiridos não concordam, 27% concordam e 9% concordam fortemente. É pertinente referir que 37% dos inquiridos não facultaram resposta.



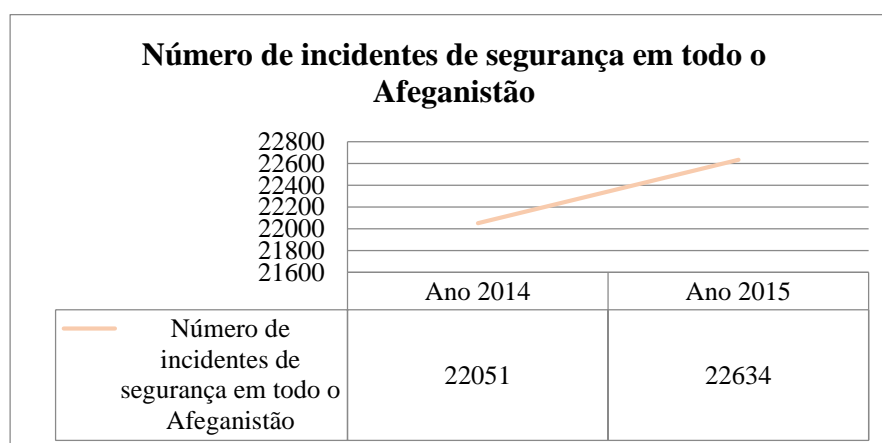
**Gráfico 4. Respostas à questão 5 apresentadas sob a forma de percentagem**

Relativamente à Força Aérea Afegã, esta foi responsável por 43% de vítimas de ataques aéreos em 2015, sendo que o número de vítimas subiu de 162, em 2014, para 296, em 2015 (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2016, p. 60). Assim é possível concluir que o número de vítimas subiu de 70 para 127.



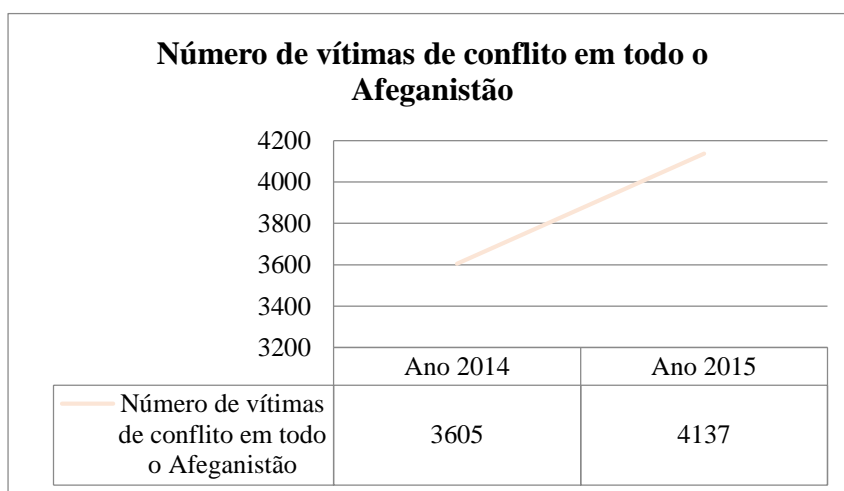
**Gráfico 5. Evolução do nº vítimas civis por culpa da Força Aérea Afegã entre 2014 e 2015**

De acordo com as Nações Unidas, em 2014 presenciou-se a ocorrência de 22051 incidentes em todo o território afegão, sendo que 68% (United Nations: General Assembly and Security Council, 2015, p. 4) ocorreram na zona Sul do País. Em 2015 ocorreu um aumento de 3%, sendo que se contaram 22634 incidentes (United Nations: General Assembly and Security Council, 2016, p. 4).



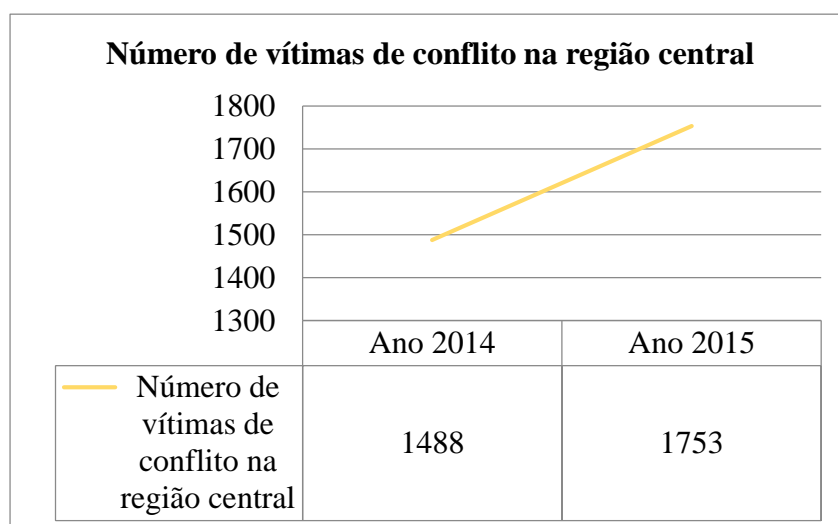
**Gráfico 6. Evolução do nº de incidentes de segurança no Afeganistão entre 2014 e 2015**

Entre Janeiro e Dezembro de 2014 contaram-se 3605 (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2015, p. 27) casos de civis vítimas de conflito entre as FNSA e elementos insurgentes em todo o território do Afeganistão. No ano seguinte, durante o mesmo período de tempo, documentaram-se 4137 (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2016, p. 25) civis vítimas do mesmo género de conflito. Verificou-se assim um acréscimo de 15% de vítimas civis em 2015.



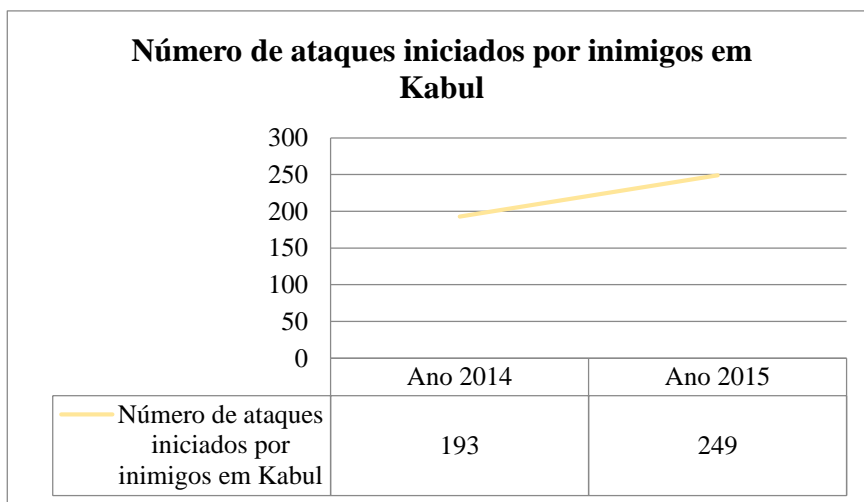
**Gráfico 7. Evolução do nº do nº de vítimas no Afeganistão entre 2014 e 2015**

Na região central do Afeganistão, composta pela província de Kabul, o número de vítimas subiu de 1488, em 2014, para 1753 em 2015 (UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA), 2016, p. 8).



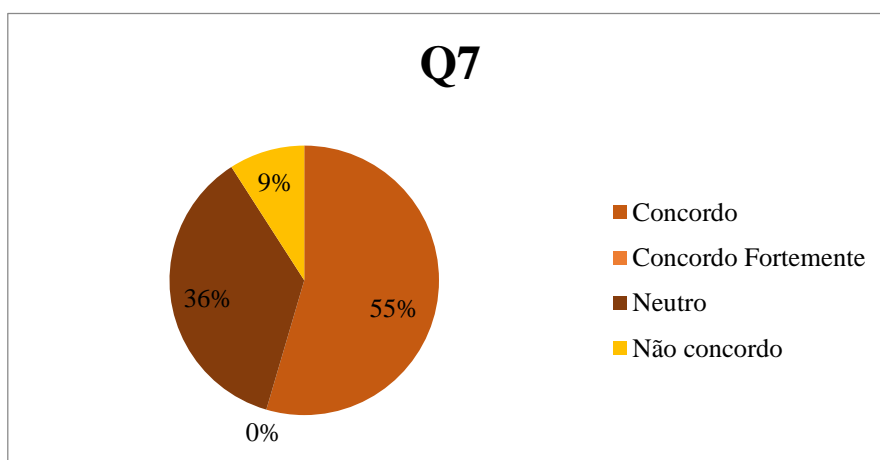
**Gráfico 8. Evolução do nº vítimas na região central do Afeganistão entre 2014 e 2015**

O número de ataques iniciados pelo inimigo em Kabul é consideravelmente mais elevado em 2015 que em 2014, sendo que a estimativa de ataques em 2014 seja de 193 e em 2015 de 249, representando um aumento do número de ataques de 29% (United States Department of State, 2016).



**Gráfico 9. Evolução do nº de ataques em Kabul entre 2014 e 2015**

De acordo com a Q7, 55% dos inquiridos concorda que o Estado afegão é menos seguro após a transferência total de autoridade para as Forças de Segurança Afegãs do que durante a missão ISAF. Ainda, 36% categorizaram-se como neutros e 9% não concordam.



**Gráfico 10. Resposta à questão 7 demonstrado em forma de percentagem**

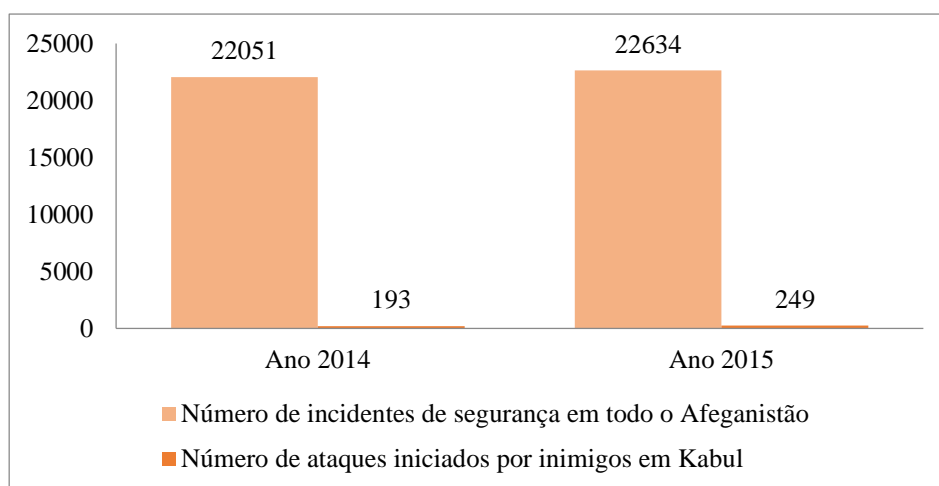
### 4.3. Conclusões

O território afegão apresenta diversas ameaças à estabilidade e à paz da sua população. Desde o início da insurgência no Afeganistão, este país tornou-se num complexo TO com elevados números de ataques e incidentes de segurança em todas as suas províncias. A seguinte tabela resume a evolução dos incidentes e o número de vítimas entre 2014 e 2015:

<b>Indicador</b>	<b>Ano 2014</b>	<b>Ano 2015</b>
Número de incidentes de segurança em todo o Afeganistão	22051	22634
Número de vítimas de conflito em todo o Afeganistão	3605	4137
Número de vítimas de conflito na região central	1488	1753
Número de ataques iniciados por inimigos em Kabul	193	249
Número de vítimas de militares portugueses em todo o Afeganistão	0	0
Número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs	921	1854
Número de vítimas civis por culpa do Exército Nacional afegão	398	868
Número de vítimas civis por culpa da Força Aérea Afegã	70	127

**Tabela 3. Indicadores - evolução da situação securitária no Afeganistão entre 2014 e 2015**

Como se verificou ao longo deste capítulo, o nível de segurança no Estado afegão sofreu variações entre 2014 e 2015. O número de vítimas do conflito subiu consideravelmente entre 2014 e 2015, tal como se constata acima. O número de incidentes em todo o território afegão aumentou de 2014 para 2015, bem como o número de ataques iniciados por inimigos na cidade de Kabul (ver gráfico representado em baixo). De acordo com as respostas atribuídas à Q7, o Estado afegão diminuiu o seu nível de segurança de 2014 para 2015.



**Gráfico 11. Comparação entre o número de incidentes no território afegão e o número de ataques em Kabul**

Relativamente à evolução das Forças de Segurança Nacionais Afegãs é possível concluir que o número de vítimas, por culpa das mesmas, aumentou. O gráfico nº12 mostra o relevante aumento no número de vítimas por culpa das FSNA em 2015, sendo que o Exército afegão apresenta uma maior percentagem em comparação com a Força Aérea Afegã. De acordo com a resposta dada à Q5, confirma-se que existe uma discrepância de opiniões relativamente ao nível de independência do Exército afegão após a retirada da ISAF, no entanto conclui-se que este é capaz de operar de maneira independente após a retirada das tropas da NATO. Uma vez que se verifica esta discordância entre dados relativos ao Exército afegão, ou seja, embora o número de vítimas civis por parte Exército afegão tenha aumentado e se considere que este é capaz de operar de maneira independente em 2015, não é possível apresentar conclusões relativamente ao mesmo.

Pode afirmar-se, por dedução, que as FSNA não estão aptas para manter o território afegão seguro e livre de insurgências após a transferência de autoridade no final de 2014. Tanto o número de incidentes como o número de vítimas por culpa das mesmas aumentou após a transferência de autoridade, provando que estas são incapazes de operar de maneira



independente. "Apesar do seu crescimento, o governo e as FSNA não têm sido capazes de preencher a falha securitária criada após o afastamento dos soldados da NATO" (International NGO Safety Organization, 2016).

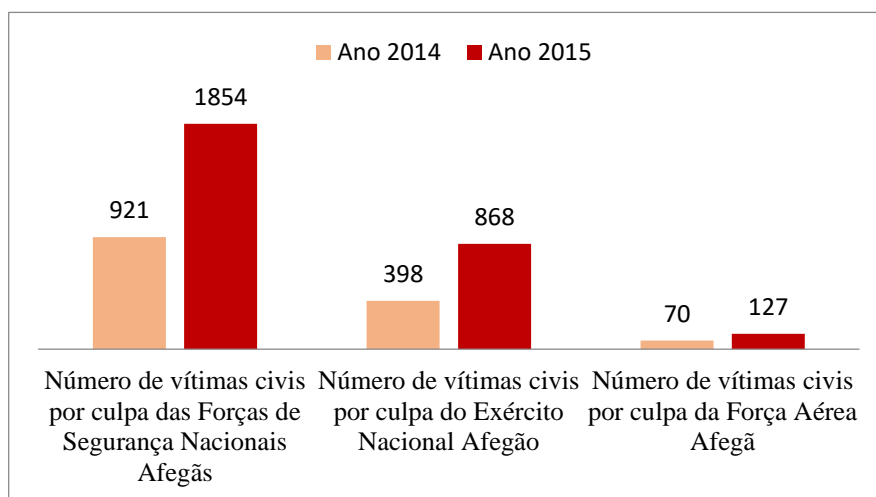


Gráfico 12. Evolução do número de vítimas civis por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs

Para finalizar, é possível responder à QD2: "como evoluiu o nível de segurança no TO durante e após a intervenção do 8ºCN?". Com as eleições, o final da missão ISAF, a entrada da *Resolute Support Mission* e a transferência total de autoridade para o Governo afegão, grupos insurgentes contestaram estas ações, levando ao aumento da violência relacionada com o conflito. Conclui-se então que, de acordo com os dados recolhidos, a região de Kabul sofreu um aumento de ataques terroristas e as FSNA provaram ser incapazes, após a saída das tropas da NATO. Todo o território afegão apresentou índices de ser mais inseguro em 2015 do que em 2014, ou seja, após a retirada da missão ISAF.

## 5. Contributos do 8ºCN

Este capítulo pretende finalizar a investigação, respondendo à última QD: "O 8º CN teve influência no quadro de segurança no Afeganistão durante o seu período de intervenção?" Para responder a esta questão foram realizados inquéritos, em formato de questionário a 11 militares que participaram na missão ISAF de modo a complementar a informação previamente obtida. Este inquérito apresentou 7 questões no total e 6 são direcionadas para este capítulo específico<sup>43</sup>.

### 5.1. A importância do 8ºCN

Tal como foi verificado no terceiro capítulo, o último empenhamento português desempenhou diversas tarefas no âmbito securitário, contribuindo assim para a segurança da missão ISAF:

- a) Assessorar os comandos e o EM do Exército afegão;
- b) Assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã;
- c) Desenvolver atividades operacionais do Comando;
- d) Produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO;
- e) Apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente;

No que diz respeito às ações de assessoria do Exército Afegão, colocou-se uma questão para perceber a opinião relativa ao papel do 8ºCN. Em resposta à questão 4 (Q4) "as ações de assessoria realizadas ao Exército afegão contribuíram para que este fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o período de atuação do 8ºCN", 46% dos inquiridos não concordaram ou discordaram relativamente à ação do 8ºCN em ações de

---

<sup>43</sup> Ver perguntas que compõe o questionário em Anexo2.

assessoria ao Exército Nacional afegão. No entanto, 36% concordaram e 18% concordaram fortemente que as ações de assessoria do 8ºCN ao Exército afegão contribuíram para que este fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o seu período de intervenção, em 2014.

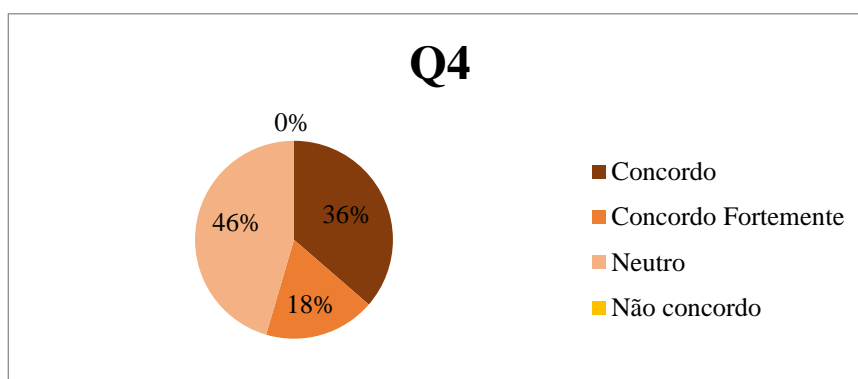


Gráfico 13. Respostas à questão 4 apresentadas sob a forma de percentagem

A assessoria realizada pelo 8º CN à Força Aérea Afegã não apresentou nenhum impacto uma vez que 73% dos inquiridos deu uma resposta neutra à questão 6 (Q6): "as ações de instrução à Força Aérea contribuíram para que esta fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o período de atuação do 8ºCN". Contudo, 18% concordam fortemente e 9% concordam.

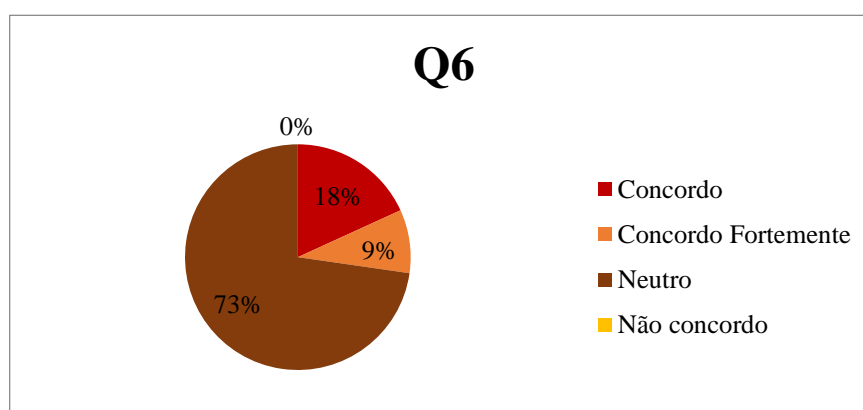


Gráfico 14. Respostas à questão 6 apresentadas sob a forma de percentagem

Relativamente às atividades operacionais desenvolvidas pelo Comando e ao apoio logístico dado ao 8ºCN, a questão 2 (Q2) informa que as tarefas desenvolvidas pelas capacidades do contingente garantiram a segurança dos militares portugueses e do TO. A quase totalidade dos inquiridos concorda que as atividades incumbidas ao 8ºCN garantiram a segurança dos envolvidos, sendo que 46% concordam com a afirmação, 45% concordam fortemente e, apenas 9% se abstém de responder.

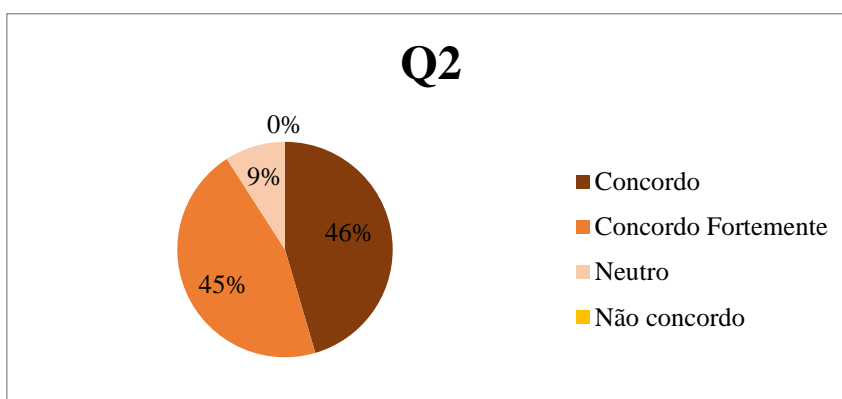


Gráfico 15. Respostas à questão 2 apresentadas sob a forma de percentagem

Por último, em resposta à questão 3 (Q3), "a informação produzida pelo 8ºCN facilitou a neutralização de ações terroristas durante o período de intervenção do 8ºCN", 55% dos inquiridos concordam que a produção de informação por parte do 8ºCN garantiu a segurança das missões e do TO. Para além deste valor, 9% concordam fortemente e 36% deram uma resposta neutra.

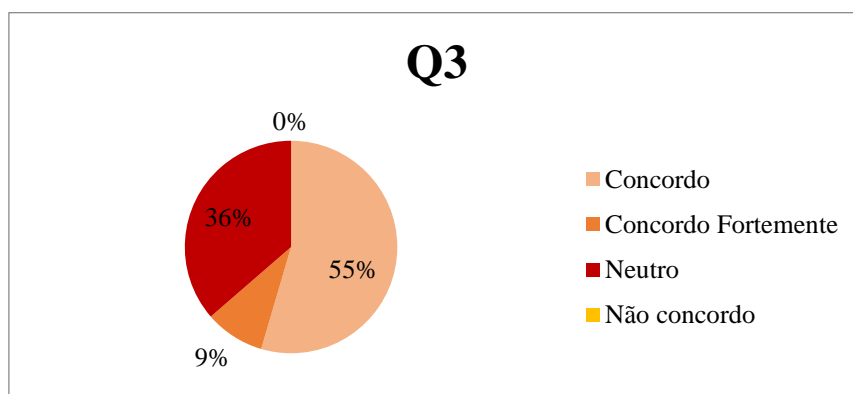


Gráfico 16. Respostas à questão Q3 apresentadas sob a forma de percentagem

## 5.2. Conclusões

De acordo com os dados apresentados anteriormente, verifica-se que as atividades desenvolvidas pelo 8ºCN garantiram a segurança dos militares e do TO (91% dos inquiridos concordam ou concordam fortemente). Verifica-se que a informação produzida pelo 8ºCN facilitou a neutralização de ações terroristas durante o período de intervenção do 8ºCN (64% dos inquiridos concordam ou concordam fortemente). As ações de assessoria por parte do 8ºCN às Forças de Segurança Afegãs contribuíram para que estas fossem capazes de providenciar segurança no Estado afegão no ano de 2014. Embora as ações de assessoria realizadas ao Exército afegão tenham contribuído para que este fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o período de atuação do 8ºCN (54% dos inquiridos concordaram ou concordaram fortemente), as ações de assessoria dos militares portugueses à Força Aérea Afegã não tiveram qualquer influência (73% dos inquiridos abstiveram-se de responder).

Respondendo à última QD, conclui-se que o 8º CN teve influência no quadro de segurança do Afeganistão durante o seu período de intervenção. As 6 capacidades que integraram a última missão Portuguesa no Afeganistão influenciaram o nível de segurança do teatro de operações através das ações de assessoria às Forças de Segurança Nacionais Afegãs, especificamente ao Exército Nacional Afegão, através das atividades e operações de segurança e proteção, da produção de informação para prevenir insurgências e, por fim, do apoio logístico para a sustentação do contingente nacional. É possível afirmar que estas ações contribuíram para manter a segurança da cidade de Kabul, da população e dos militares participantes. Conclui-se que a cidade de Kabul apresentou índices mais elevados de segurança durante a intervenção portuguesa em 2014 do que em 2015, após a saída das

equipas portuguesas. Assim, pode-se afirmar que o 8<sup>o</sup>CN contribuiu para a segurança do Estado afegão.

## 6. Conclusão

De acordo com Sarmiento (2013, p.210), a conclusão de um trabalho de investigação deve apresentar diversas considerações finais: é necessário confirmar a total, parcial ou não confirmação da validade das hipóteses propostas para cada questão derivada; verificar se os objetivos específicos e o objetivo geral foram cumpridos; atribuir uma resposta final para cada questão derivada e para a questão inicial; e desenvolver recomendações.

No capítulo introdutório deste trabalho de investigação foram definidos três objetivos específicos com o intuito de perceber os contributos de Portugal para a segurança e estabilização do Estado afegão: saber qual a missão confiada a cada força participativa no 8<sup>o</sup>CN português, e entender as diferentes tarefas para garantir a segurança no Afeganistão; identificar a evolução da situação de segurança no TO durante e imediatamente após o período de intervenção do 8<sup>o</sup>CN; e perceber a influência do 8<sup>o</sup>CN português no quadro de segurança no TO durante a sua intervenção.

De modo a suportar a investigação, formulou-se uma questão derivada para cada objetivo específico e, por sua vez, uma hipótese para cada. O terceiro capítulo, referente ao empenhamento português, expõe os dados recolhidos, e a sua respetiva análise, de modo a responder à QD1 e proceder à verificação da H1. O quarto capítulo, alusivo ao nível de segurança do Afeganistão, revela conclusões pertinentes para responder à QD2 e verificar a H2. Por último, o quinto capítulo, relativo aos contributos do 8<sup>o</sup>CN apresenta os resultados analisados para responder à QD3 e certificar a H3. Para a verificação da validade das hipóteses foram escolhidas variáveis independentes para cada uma das hipóteses criadas para as questões derivadas.

Da presente investigação conclui-se o seguinte: o objetivo geral da investigação e os objetivos específicos foram cumpridos; a questão principal e as questões derivadas foram respondidas; e as hipóteses foram totalmente confirmadas.

### **6.1. Confirmação das hipóteses**

A primeira hipótese, proposta para a questão derivada 1, identifica a existência de "6 forças com missões distintas e, por conseguinte, 5 diferentes abordagens em matérias de segurança: assessoria ao Exército afegão; assessoria à Força Aérea Afegã; produção de informação; apoio logístico e operações de segurança ". Confirma-se a veracidade total desta hipótese.

A segunda hipótese propõe que "após o final da missão ISAF e, por sua vez, com o término da missão do 8º CN, o Afeganistão presenciou um aumento no número de incidentes e na diminuição da independência operacional das Forças de Segurança Nacionais Afegãs (FSNA), levando à redução de segurança no Estado afegão ". Verifica-se uma confirmação total desta hipótese.

Por último, a terceira hipótese sugere que "durante o período de intervenção do 8ºCN este contribuiu para manter a segurança do Estado afegão, através das ações de assessoria às FSNA, da neutralização de insurgências e das atividades desenvolvidas de modo a garantir a segurança dos militares portugueses". Certifica-se a veracidade total desta hipótese.

A seguinte tabela resume a relação entre as variáveis independentes e a confirmação das hipóteses:



Hipótese	Questão	Variável Independente	Confirmação
H1	QD1	VIA1: Assessorar o Exército Nacional Afegão	Total
		VIA2: Assessorar a Força Aérea Afegã	
		VIA3: Produção de informação	
		VIA4: Apoio logístico	
		VIA5: Operações de segurança	
H2	QD2	VIB1: Indicadores de segurança do país em 2014	Total
		VIB2: Indicadores de segurança do país em 2015	
H3	QD3	VIC1: Evolução da segurança durante o 8ºCN	Total

**Tabela 4. Confirmação das hipóteses**

## 6.2. Resposta às questões

Verifica-se que o propósito da presente investigação foi alcançado, que se formulou uma resposta para a questão geral, que cada objetivo específico foi cumprido e que se respondeu às questões derivadas. É possível concluir que o 8º Contingente Nacional português contribuiu para a segurança e estabilização do Afeganistão de uma maneira indireta, uma vez que este operou apenas na região central do país, especificamente na cidade de Kabul.

Cumriu-se o objetivo principal deste trabalho em entender os contributos do 8ºCN português na estabilização e segurança do Estado afegão. Os três objetivos específicos associados ao OG foram também alcançados visto que se ficou a saber qual a missão confiada a cada força participativa do 8ºCN português e as diferentes tarefas para incutir segurança no Afeganistão; identificaram-se indicadores de segurança no Afeganistão, mostrando a situação securitária do país antes e imediatamente após o período de intervenção do 8ºCN; percebeu-se a influência do 8ºCN português no quadro de segurança no TO durante a sua intervenção.

As respostas para cada questão derivada são apresentadas de seguida:

**QD1:** Quais as diferentes abordagens a questões de segurança efetuadas pelas missões do 8<sup>o</sup>CN? O 8<sup>o</sup>CN operou no ano de 2014 e foi constituído por 6 capacidades distintas compostas por elementos dos três ramos das FFAA Portuguesas: uma unidade Módulo de Apoio (MdA), uma equipa Elemento de Segurança / Proteção da Força (capacidade pertencente à Unidade / Módulo de Apoio), uma equipa Célula de Informações Militares (CIM), uma equipa Pohantoon-e-Hawayee *Staff Adviser Team* (PeH SAT), uma *Military Advisory Team* (MAT) e uma equipa Cargos Isolados (CI) ou *Crisis Establishment*. De acordo com os dados recolhidos, entre as diferentes tarefas atribuídas a cada capacidade identificou-se a existência de 5 abordagens diferentes no âmbito securitário: Assessorar os comandos e o EM do Exército afegão; assessorar os comandos e o EM da Força Aérea Afegã; desenvolver atividades operacionais do Comando; produção de informação para garantir a segurança das missões e do TO; apoiar a nível logístico a sustentação e segurança do Contingente;

Assim, é possível verificar que as MAT foram responsáveis pelas ações de assessoria ao Exército afegão, contribuindo indiretamente para a segurança do Afeganistão; as Peh SAT procederam a ações de assessoria à Força Aérea Afegã, contribuindo também indiretamente para a segurança do País; as CIM produziram informação relevante para a prevenção de ataques de grupos insurgentes, colaborando diretamente para a segurança do território; o Elemento de Segurança desenvolveu atividades operacionais, que afetaram diretamente a segurança do TO; o Módulo de Apoio e os CI apoiaram a logística e sustentação do Contingente, contribuindo indiretamente para a segurança do país, uma vez que a sua função era garantir a proteção do Contingente Nacional, militares e TO.

**QD2:** Como evoluiu o nível de segurança no TO durante e após a intervenção do 8<sup>o</sup>CN? A situação securitária do Teatro de Operações e, por sua vez, do Afeganistão deteriorou-se com a saída das tropas da NATO do país. Através dos dados recolhidos por

questionário e indicadores escolhidos, procedeu-se à comparação do nível de segurança entre 2014 e 2015.

Após a análise de indicadores de segurança, verificou-se o seguinte: um acréscimo no número de incidentes, acréscimo no número de vítimas civis de conflito, e subida do número de vítimas por culpa das Forças de Segurança Nacionais Afegãs, de 2014 para 2015. O número de incidentes em todo o território nacional afegão, na região central e na cidade de Kabul aumentou 28%, 3% e 29%, respetivamente; e o número de vítimas por culpa das FSNA cresceu 28% em 2015.

De acordo com a análise das respostas obtidas através do questionário concluiu-se o seguinte: o Afeganistão é mais inseguro após a transferência total de autoridade para as Forças de Segurança e Governo afegão; o Exército afegão é capaz de operar de maneira independente após a retirada das forças da NATO.

**QD3:** O 8º CN teve influência no quadro de segurança no Afeganistão durante o seu período de intervenção? O último contingente nacional português a participar na missão ISAF no Afeganistão contribuiu para a segurança do Estado Afegão. Este contingente operou através de 6 capacidades constituídas por militares portugueses dos três ramos das FFAA e contribuiu com 5 tarefas principais no âmbito securitário.

Verifica-se então que o 8º CN influenciou o nível de segurança do teatro de operações, durante o seu período de intervenção: através das ações de assessoria ao Exército Nacional Afegão, contribuindo para que este fosse capaz de garantir a segurança na região de Kabul; através das operações de segurança e proteção do contingente, garantindo a segurança dos militares e TO; através da produção de informação para conter ataques terroristas, facilitando a neutralização de ataques e insurgências durante o período de intervenção; e através do apoio logístico à sustentação do contingente, garantindo a proteção e segurança dos militares e TO.

É possível concluir este trabalho de investigação apresentando uma resposta à questão de partida.

**QP:** "De que maneira foi o 8ºCN foi capaz de garantir a estabilização e segurança do Estado afegão durante o seu período de intervenção?". O 8ºCN interveio na missão ISAF em 2014 como a última equipa portuguesa a contribuir para a segurança do Estado afegão antes da transferência total de autoridade para o Governo afegão. Os militares portugueses foram liderados por um comandante de contingente e constituíram 6 capacidades distintas, perfazendo um total de cerca de 60 participantes<sup>44</sup>. Estas capacidades - Elemento de Apoio, Elemento de Segurança / Proteção da Força (capacidade pertencente à Unidade / Módulo de Apoio), Célula de Informações Militares, Pohantoon-e-Hawayee *Staff Adviser Team*, *Military Advisory Team* e equipa Cargos Isolados - desempenharam diversas funções de modo a caucionar a segurança, proteção e estabilização do teatro de operações e dos militares participantes. Estas tarefas podem ser condensadas em 5 principais: assessoria ao Exército afegão, assessoria à Força Aérea Afegã, produção de informação, apoio logístico para a sustentação do contingente nacional e desenrolar de operações de segurança. Verifica-se que as ações realizadas pelo último contingente nacional português na ISAF apresentaram dois tipos de influência no âmbito securitário do Afeganistão, isto é, as tarefas realizadas pelas capacidades influenciaram o nível de segurança do país através da assessoria às FSNA e apoio a operações de estabilização.

Durante o período de intervenção do 8ºCN, ações de assessoria ao Exército afegão garantiram a segurança do TO em 2014; por outro lado, a assessoria dada à Força Aérea Afegã não apresentou nenhum impacto. O número de incidentes e o número de vítimas por culpa das FSNA aumentou após a saída do contingente português, em 2015. Verifica-se assim que, no final de 2014, após a transferência de autoridade para o Governo afegão e

---

<sup>44</sup> Dados retirados de (Cardoso, 2014, pp. 96-112)

Forças de Segurança Nacionais Afegãs, estas demonstraram ser menos capazes de garantir a proteção do Afeganistão e dos civis, em comparação com o período de intervenção do contingente português.

Relativamente ao apoio dado a operações de estabilização, verifica-se que as atividades operacionais desenvolvidas pelo 8ºCN garantiram a segurança dos militares e do TO, que a informação produzida pelo 8ºCN facilitou a neutralização de ações terroristas durante o período de intervenção do 8ºCN e que o apoio logístico fomentou a segurança do TO. Uma vez que o número de incidentes de segurança em todo o Afeganistão, o número de vítimas de conflito em todo o Afeganistão, o número de vítimas de conflito na região central e o número de ataques iniciados por inimigos em Kabul foi maior em 2015 do que em 2014, conclui-se que o Estado afegão apresentava índices de segurança mais elevados durante a intervenção Portuguesa do que após a transferência total de autoridade.

Pode então concluir-se que a cidade de Kabul se tornou mais insegura após a retirada do 8ºCN, podendo afirmar-se que o 8ºCN contribuiu, indiretamente, para a segurança do Estado afegão.

### **6.3. Recomendação para estudos futuros**

Este trabalho de investigação abordou apenas um elemento do empenhamento português no Afeganistão. Considera-se pertinente o estudo dos outros contingentes nacionais e a comparação entre as suas diversas abordagens à segurança do país, sendo que foram constituídos por capacidades distintas entre si.

A investigação relativa ao "antes e depois" da intervenção portuguesa na ISAF é também importante para perceber quais as forças portuguesas que maior influência tiveram no teatro de operações do Afeganistão, podendo adotar-se uma metodologia semelhante à da presente investigação.

Finalmente considera-se também pertinente o estudo da evolução das ações de treino, mentoria e assessoria às Forças de Segurança Nacionais Afegãs por parte das capacidades portuguesas responsáveis.

## Bibliografia

- Almeida, V. d. (Junho de 2016). Questionário Vasconcelos de Almeida.
- BBC. (27 de Março de 2016). *Conheça as origens do Talebã, movimento que reivindica atentado no Paquistão*. Obtido de BBC Brasil:  
[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160327\\_origens\\_taleba\\_if](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160327_origens_taleba_if)
- Cardoso, N. D. (2014). *Portugal: 12 Anos de Participação na ISAF*. Espinho: Tipografia Meneses - Cooperativa Gráfica de Espinho, Crl.
- Chairman of the Joint. (2013). *Joint Publication 3-24: Counterinsurgency*.
- Coll, S., Haass, R. N., & Lynch, T. (2015). *The Taliban*. Obtido de Council on Foreign Relations: [http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/taliban/p35985?cid=marketing\\_use-taliban\\_infoguide-012115#!/p35985?cid=marketing\\_use-taliban\\_infoguide-012115](http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/taliban/p35985?cid=marketing_use-taliban_infoguide-012115#!/p35985?cid=marketing_use-taliban_infoguide-012115)
- Department of Defense. (2010). *Dictionary of Military and Associated Terms: Joint Publication 1-02*. Obtido de [http://www.dtic.mil/doctrine/new\\_pubs/jp1\\_02.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf)
- Department of the Army. (2014). *FM 3-07: Stability*. Washington, DC.
- EMGFA. (20 de Junho de 2016). *Organização*. Obtido de EMGFA:  
<http://www.emgfa.pt/pt/organizacao>
- Encyclopaedia Britannica. (s.d.). *Hypothetico-deductive method*. Obtido de Encyclopaedia Britannica: <https://www.britannica.com/science/hypothetico-deductive-method>
- European Parliament. (20 de Janeiro de 2010). *NATO's Role in Afghanistan*. Obtido de European Parliament:  
[http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009\\_2014/documents/sede/dv/sede250110natoroleafghanistan\\_/sede250110natoroleafghanistan\\_en.pdf](http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/sede/dv/sede250110natoroleafghanistan_/sede250110natoroleafghanistan_en.pdf)
- Exército Português. (2010). *Curso de Comandos*. Obtido de Exército:  
<http://www.exercito.pt/sites/recrutamento/Paginas/TropasEspeciaisComandosCurso.aspx>
- Exército Português. (s.d.). *Participação Portuguesa*. Obtido de Exército:  
[http://www.exercito.pt/sites/FNDAfeganistao/Paginas/Visao\\_e\\_Missao.aspx](http://www.exercito.pt/sites/FNDAfeganistao/Paginas/Visao_e_Missao.aspx)

- Geneva Declaration. (s.d.). *What is the Declaration?* Obtido de Geneva Declaration:  
<http://www.genevadeclaration.org/the-geneva-declaration/what-is-the-declaration.html>
- Heywood, A. (2011). *Global Politics*. London: Palgrave Foundation.
- Icasualties. (s.d.). *Fatalities*. Obtido de Operation Enduring Freedom Casualties:  
<http://icasualties.org/OEF/ByYear.aspx>
- International NGO Safety Organization. (2016). *Afghanistan: Context Analysis*. Obtido de NGO Safety: <http://www.ngosafety.org/country/afghanistan>
- Jim Parsons, C. G. (2013). *Indicators of Inputs, Activities, Outputs, Outcomes and Impacts in Security and Justice Programming*. VERA.
- Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos, J. M. (2014). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Military Dictionary. (2008). *Definition of: caveat*. Obtido de Military Dictionary:  
<http://www.military-dictionary.org/caveat>
- Ministério da Defesa. (2007). *Glossário das Forças Armadas*. Obtido de  
[http://www.defesa.gov.br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/md35\\_g\\_01\\_glossario\\_fa\\_4aed2007.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/md35_g_01_glossario_fa_4aed2007.pdf)
- Ministério da Defesa. (2015). *Glossário das Forças Armadas*. Obtido de  
[http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35\\_g\\_01\\_glossario\\_ffaa\\_5\\_ed\\_2015.pdf](http://www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35_g_01_glossario_ffaa_5_ed_2015.pdf)
- NATO. (1949). North Atlantic Treaty. Washington.
- NATO. (2006). The Afghanistan Compact. Obtido de  
[http://www.nato.int/isaf/docu/epub/pdf/afghanistan\\_compact.pdf](http://www.nato.int/isaf/docu/epub/pdf/afghanistan_compact.pdf)
- NATO. (7 de Janeiro de 2015). *Inteqal: Transition to Afghan lead*. Obtido de NATO:  
[http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_87183.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_87183.htm)
- NATO. (1 de Setembro de 2015). *ISAF's mission in Afghanistan (2001-2014) (Archived)*. Obtido de North Atlantic Treaty Organization:  
[http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_69366.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69366.htm)



- NATO. (s.d.). *History*. Obtido de Afghanistan Resolute Support Mission:  
<http://www.rs.nato.int/history.html>
- NATO Public Diplomacy Division. (s.d.). *RS NATO*. Obtido de Transition: Inteqal - Nato:  
[http://www.rs.nato.int/images/stories/File/factsheets/1667-10\\_Inteqal\\_LR\\_en.pdf](http://www.rs.nato.int/images/stories/File/factsheets/1667-10_Inteqal_LR_en.pdf)
- Panetta, S. o. (2012). *Sustaining US Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*.
- Pereira, M. G. (Outubro de 2015). Anexo 1. (J. B. Costa, Entrevistador)
- Porto Editora. (2003-2016). *Contingente*. Obtido de Infopédia: Dicionários Porto Editora:  
<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/contingente>
- Porto Editora. (2016). *Empenhamento*. Obtido de Infopédia: Dicionários Porto Editora:  
<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/empenhamento>
- Ritscher, A. (s.d.). *A brief story of afghanistan*. Obtido de Afghan Government:  
<http://www.afhangovernment.com/briefhistory.htm>
- Rodrigues, D. (2011). As Forças Armadas Portuguesas no Afeganistão. *Nº130*, 131-155.
- Sagepub. (s.d.). *A very brief refresher on the case study method*. Obtido de Sagepub:  
[http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/41407\\_1.pdf](http://www.sagepub.com/sites/default/files/upm-binaries/41407_1.pdf)
- Saikal, A. (2006). Afghanistan's transition: isaf's stabilisation role? *Third World Quarterly*, 525-534.
- Santos, T. L. (Novembro de 2014). *Orientações Metodológicas para Trabalhos de Investigação*. Lisboa.
- UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA). (2015). *Afghanistan: Annual Report 2014, Protection of Civilians in Armed Conflict*.  
doi:<http://www.refworld.org/country,COI,UNAMA,,AFG,,54e44e274,0.html>
- UN Assistance Mission in Afghanistan (UNAMA). (2016). *Afghanistan: Annual Report 2015, Protection of Civilians in Armed Conflict*. Obtido de  
[http://unama.unmissions.org/sites/default/files/poc\\_annual\\_report\\_2015\\_final\\_14\\_feb\\_2016.pdf](http://unama.unmissions.org/sites/default/files/poc_annual_report_2015_final_14_feb_2016.pdf)

United Nations. (s.d.). *Agreement on provisional Arrangements in Afghanistan Pending the Re-Establishment of Permanent Government Institutions*. Obtido de UN:  
<http://www.un.org/News/dh/latest/afghan/afghan-agree.htm>

United Nations Security Council. (2003). Resolution 1510 (2003). *4840th meeting*.

United Nations: General Assembly and Security Council. (2015). *The situation in Afghanistan and its implications for international peace and security*.

United Nations: General Assembly and Security Council. (2016). *The situation in Afghanistan and its implications for international peace and security*.

United States Department of State. (15 de Março de 2016). *Afghanistan 2016 Crime and Safety Report*. Obtido de OSAC:  
<https://www.osac.gov/pages/ContentReportDetails.aspx?cid=19292>

US Department of Defense. (2010). *Joint Publication (JP) 1-02 Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*.

## **Anexos**

### **Anexo 1. Entrevista realizada ao Sr. Comandante Velloso no dia 9 de Setembro de 2015**

- 1. Porquê enviar forças para o Afeganistão (e como foi definida a estratégia)?**
- 2. Quais as forças participantes e os respetivos papéis incumbidos a cada força?  
(Dirigida a Comandante de Contingente - Que subunidades/forças fizeram parte do seu contingente e os papéis incumbidos a cada uma delas?)**

O 5CN integrou 230 militares da Marinha, Exército, Força Aérea e GNR. A missão do 5 Contingente Nacional /ISAF (Conforme Directiva operacional 011/CEMGFA/12):

Aconselhar, assistir e assessorar as unidades das ANSF (Afghan National Security Forces) ANA (Afghan National Army) e ANP (Afghan National Police), com vista ao seu emprego operacional; contribuir para a defesa interna das instalações do KAIA; ministrar instrução básica e complementar, formar formadores e assessorar as acções de formação nos centros de formação das ANSF; garantir a gestão e controlo dos materiais, equipamentos e munições à sua disposição no TO (Teatro de Operações) do Afeganistão; garantir a sustentação e protecção da própria força; apoiar outros militares nacionais em missão no TO do Afeganistão quando necessário.

Para tudo isto o 5 CN estava organizado em:

- Comandante de Contingente;
- Unidade de apoio (UnAp) – apoiar todo o CN nas áreas, financeira, logística, pessoal, comunicações. Garantir a protecção a todo o CN e o apoio nos movimentos. Comandada por um Tenente-Coronel. Constituída por Companhia de

Protecção (“Comandos”), Estado-maior (Finanças, Pessoal, Logística, Capelão), Pelotão de Apoio de serviços;

- MAT (Military Advising Team) Kabul Capital Division – Assessorar a 111 Divisão do ANA nas áreas de administração, artilharia, engenharia, saúde, operações, informações, comunicações, técnica de estado-maior. Chefiada por um Coronel, com mais 9 oficiais e 2 sargentos. P15 – grupo de 15 Oficiais e sargentos da Força Aérea com a função de assessorar as autoridades aeronáuticas civis Afg em KAIA nas diversas áreas técnicas como Meteorologia, Segurança e operações de voo, bombeiros, controlo aéreo;
  - PeH SAT (Pohantoon-e-Hawayee Staff Adviser Team) – grupo de 2 oficiais e 3 sargentos da Força Aérea que assessoraram diversos cursos na Academia da Força Aérea Afg em KAIA;
  - Companhia de Protecção de KAIA (Kabul International Airport) 64 militares – comandada pelo Comandante Frescata tinha como missão primária contribuir para a segurança e defesa do KAIA, integrada no Grupo de segurança a KAIA. Assegurava parte dos serviços no KANOC (KAIA North Operations Center). Destacamento da GNR a operar em Wardak no International Training Center/ National Police Training Center (ITC/NPTC) – ministrar instrução e formar formadores para a ANP em Wardak;
  - Célula de Informações Militares (CIM) – 5 militares. Missão de apoiar o CN na avaliação da Ameaça e contribuir para o Sistema Nacional de Informações;
  - Cargos isolados – Informações no Quartel general da ISAF, Planeamento da Campanha no IJC, Operações Especiais, treino.
- 3. Sei que a partir de 2010 foram criados os contingentes nacionais. Por que razão?**

Por uma questão de operacionalização de utilização de recursos e pela lógica – não fazia sentido haver diferentes capacidades nacionais cedidas à NATO e simultaneamente sob Comando nacional em que cada uma destas capacidades reportava independentemente para o CEMGFA e se relacionava de forma independente das outras componentes nacionais com os órgãos NATO onde estava inserida. Assim, criaram-se os Contingentes Nacionais em que o representante nacional era único, o Comando para todos os portugueses (incluindo os cargos isolados) era único e assim se possibilitou que Portugal apresentasse coerência nas suas acções economizando recursos, disciplinando procedimentos, facilitando o apoio a todos, etc. Isto foi decisão do CEMGFA. A parte política (CSDN – Conselho superior de Defesa Nacional, cujo presidente é o PR) apenas se pronunciou sobre números de efectivos para que se respeitasse a verba. O enquadramento político foi apenas esse e de que se Portugal não estivesse no Afg, passaria a não contar entre os parceiros da NATO...

**4. De que maneira as National Support Elements (NSE) contribuíram para umas Afghan National Security Forces mais capazes e competentes?**

Esta pergunta não faz sentido. O NSE não existiu. Houve uma UnAp que nada teve a ver com assessoria.

**5. Em que medida as Forças Armadas Portuguesas contribuíram para o aperfeiçoamento das Afghan National Security Forces?**

Aí vai, do meu relatório final:

Na área da Assessoria constatou-se que para a actividade desenvolvida pelas diversas assessorias portuguesas não existe um enquadramento pelo lado Afegão do que se pretende atingir com essa assessoria aparentando ser, pela parte afegã, uma gestão do dia-dia que impera sem se perspetivar o futuro. Ora tal atitude, possivelmente cultural, dificulta em muito todas as assessorias portuguesas, não sendo possível avaliar em

concreto quais os benefícios afegãos das assessorias de Portugal, nem a conclusão de um projeto;

**6. Quais foram os derradeiros obstáculos e dificuldades encontrados no terreno e como foram superados?**

O 5 CN aprontou-se em Beja, junto do Regimento de Infantaria 3. Durante o período de cerca de 6 meses de aprontamento treinaram-se procedimentos, acertaram-se pormenores administrativos e logísticos. Tudo conforme o que se iria encontrar no Afeganistão. Enfim, treinou-se para a Missão. No Afeganistão o CN dispunha, entre outras instalações, de um aquartelamento em Camp Warehouse que foi objecto de reconhecimento pelo Comando onde dispúnhamos de tudo o que era necessário, onde se estava a investir imenso dinheiro em melhoria das instalações, onde era possível cumprir todas as tarefas de comando das operações e de apoio às mesmas. Mas no dia da partida, no AT 1, após a formatura para embarcar, recebo a informação de que possivelmente teríamos que abandonar CW dada a retracção do dispositivo da NATO e dado que os franceses que geriam CW iriam abandonar o campo em Maio13. Ora isso implicaria um esforço imenso para o qual a força não estava desenhada e para o qual não tinha estrutura. Perguntado como, foi-me dito que no TO teria que encontrar alternativas. Ora estando todos a retrair, forçosamente as alternativas seriam reduzidas e, um contingente pequeno, de um país pequeno teria o dobro das dificuldades para se “encaixar”. De imediato foi por mim decidido que a Missão que havíamos recebido na Directiva 011/CEMGFA/12 era para cumprir, custasse o que custasse, garantindo sempre a segurança de todos. A atitude a ter teria de ser pois a de um país soberano, que gere o seu destino, independentemente da sua dimensão relativamente aos outros. Resumidamente tivemos mais duas missões: retrair de CW e recolocar a força noutra local (Qual? Com que meios? Que apoios da retaguarda?).

A comissão de serviço no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão para o 5º Contingente Nacional (5CN) para a ISAF foi cumprida conforme o estabelecido pela Diretiva Operacional 11/CEMGFA/12, no entanto, fruto das circunstâncias, essa Missão foi acrescida de outras duas: a retração de Camp Warehouse (CW) onde as forças portuguesas tinham todas as comodidades de operação fruto de uma estadia ininterrupta de 8 anos, e uma projeção para KAIA, única instalação militar onde foi possível instalar a parte do CN proveniente de CW, e ainda uma projeção para Camp Phoenix, onde a MAT e parte da ComProt/UnAp ficará instalada até haver vaga em Camp Blackhorse junto da 111Div/ANA. Acresceu ainda à Missão do 5CN a retração total do contingente da GNR de Wardak para Território Nacional. Apesar de o 5CN não ter sido reforçado para o cumprimento destas missões acrescidas, todas foram cumpridas tendo permanentemente presente a continuidade de toda a operação, conforme superiormente determinado, e a minimização de impactos financeiros negativos. Subjacente a toda esta manobra esteve presente o aproveitamento até ao limite das poucas oportunidades oferecidas pela presença de forças aliadas no TO e uma afirmação clara e muito firme dos propósitos portugueses, seguindo estritamente indicações superiormente dadas ao Comando do 5CN. Em todo o processo de retração de CW foi notado no TO que a estrutura nacional em apoio não tem procedimentos agilizados para obter soluções rápidas e eficazes, como em toda a evolução do processo foi exigido, muito possivelmente devido ao desconhecimento das particularidades existentes em teatro;

**7. Existiu algum choque/dificuldade de relacionamento/integração entre a missão definida por Portugal e outros países participantes?**

A NATO em geral não percebeu que existe como que uma relação contratual entre os países que cedem as forças e a NATO. Essa relação define claramente quais as tarefas que as forças podem realizar. O documento é revisto cada 6 meses e acertado entre as

representações nacionais em Bruxelas e a estrutura de comando da NATO. São os CJSOR (Combined Joint Standard Operational Requirements). Ou seja, quando as forças nacionais são “cedidas” à NATO esta não dispõe de Comando Completo, não pode empregar as forças como quer mas como é possível dentro desses parâmetros estabelecidos “a priori”. Por várias vezes o quiseram fazer, tentando empregar os nossos militares em tarefas fora do seu âmbito de ação que poria em risco o pessoal. Foi preciso “mostrar os dentes” algumas vezes. Aí tive todo o apoio dos Generais Luís Araújo (Chefe do estado Maior General das Forças Armadas e Comandante da operação) e Vaz Antunes, Comandante Operacional. Aqui vai um extrato do meu relatório final acerca desta questão.

Algumas estruturas da NATO no TO tiveram aparentemente dificuldade em entender que não dispunham de Comando Completo sobre os militares e forças portuguesas. Foi necessário explicar ao Gen Ferron, Deputy NTM-A, ao Gen Adam, COMKAIA, ao seu assessor jurídico, ao Cmdt do Fp Group de KAIA, Cor Benda e ao TCor (US) responsável pela assessoria na Academia da Força Aérea Afegã o que Portugal entende que seja a missão dos seus militares que se cingiu apenas ao estabelecido no CJSOR 11.5, conforme expresso na Diretiva 18/CFT/12, e aos diversos Job Descriptions. Foi igualmente explicado que os militares e forças atribuídas à ISAF se encontram em TACON do COMISAF, relação esta que não permite alterar a missão ou dividir as capacidades cedidas. Em todas estas situações a posição sustentada pelo Comandante do 5CN foi muito clara e muito firme, mantendo-se exatamente o que está definido até à TOA;

(TO=Teatro de Operações, NTM-A=NATO Training Mission – Afghanistan, Fp=Force Protection, CFT=Comando das Forças Terrestres, Portugal, TACON= Tactical Control, um dos mais baixos graus de autoridade, COMISAF=Command ISAF)



**8. Quais as reservas que Portugal apresentou relativamente à missão estruturada pela NATO?**

Não sei. Isso terá que perguntar ao General Pastor que era o nosso NMR (National Military Representative) em Bruxelas quando foi negociado o CJSOR que abrangeu o meu CN ou ao Gen Araújo que também se deve lembrar. Estão ambos na Reserva.

**9. Em que medida considera importante a participação dos três ramos das Forças Armadas?**

O 5 CN/ISAF englobou forças e militares dos 3 ramos das Forças Armadas e da GNR. Para enfrentar ameaças assimétricas, que se manifestam pela extrema violência das suas ações, usufruindo da surpresa que lhe advém da agilidade e da não convencionalidade dos métodos são necessárias forças igualmente ágeis que rapidamente se ajustem à ameaça e retomem assim a iniciativa. Para que isso aconteça é da maior utilidade a diversidade das forças e das suas aptidões ou capacidades. Havendo uma matriz comum a todos que é a Condição de Militar, há assim uma linguagem comum e um sistema de crenças e valores igualmente comum. O modo como cada força resolve os seus problemas é que é diferente dadas a sua cultura organizacional e a sua aptidão técnica também diferente. Assim, é da maior utilidade empregar forças de diferentes Ramos das Forças Armadas. O emprego da GNR no TO foi enriquecedor para a Guarda e para as Faz.

## **1. Porquê enviar as Forças Armadas Portuguesas para o Afeganistão?**

Sem querer entrar já num patamar político, aconselho que veja a intervenção do ministro da defesa no encerramento da missão ISAF. Nós temos um conjunto de responsabilidades no âmbito da segurança colectiva. Hoje, aquilo que é a segurança das nossas fronteiras, dos nossos cidadãos, não se faz apenas dentro do limite das nossas fronteiras e espaço marítimo dentro da nossa responsabilidade. A globalização globalizou o bom e o mau, ou seja, embora tenha dado um conjunto de facilidades para o desenvolvimento económico, para as trocas de conhecimento e as cidades ocidentais evoluíssem de forma mais interligada, essa globalização também deu a oportunidade às ameaças e riscos para se globalizarem também. Assim, a partir daí deixamos de ter ameaças localizadas dirigidas directamente à nossa fronteira, mas ameaças que extravasam de locais muito distantes onde acontecem que acabam por ter repercussões dentro da nossa segurança colectiva. É nesse quadro que a nossa responsabilidade na NATO existe, e portanto temos a responsabilidade com duas vertentes:

- a defesa coletiva, que é quando um estado é ameaçado, todos os outros têm obrigação de intervir em defesa desse estado
- e a outra vertente, que é a vertente da segurança coletiva que diz exactamente proteger as fronteiras globais da ameaça o sentido de evitar que os conflitos que existem no jardim exterior das suas fronteiras, transbordem cá para dentro.

E portanto, Portugal não podia, obviamente, deixar de ser responsável nestes compromissos que tem, e como sempre, a responsabilidade é função do nível político, e nós temos de estar preparados para cumprir.

## **2. Relativamente ao terreno, quais as forças participantes e papéis incumbidos a cada força?**

Nós participamos em três fases no quadro da ISAF:

- a primeira, que foi basicamente conduzida por elementos da força aérea, que teve a ver com a nossa responsabilidade na gestão do aeroporto de Kabul. Ficamos confinados ao aeroporto e foi atribuída a força aérea a projeção do contingente.
- depois passámos para a fase seguinte, da ISAF com o terreno mais alargado, a Quick Reaction Force, que foi atribuída a Portugal e nos no fundo constituímos a reserva operacional do comandante da ISAF para intervir em qualquer parte do território para garantir o cumprimento de todas as missões da ISAF . Tivemos com essa missão a maior parte dos 12 anos.
- numa terceira fase, passamos para a fase de mentoria das forças afegãs e basicamente estivemos a apoiar todo o processo de preparação e condução de operações por parte das forças afegãs , com militares nossos que assessoravam as estruturas de comando de escalão de brigada e escalão de divisão ajudando no planeamento e condução das missões por eles próprios.

## **3. Porque foram criados os contingentes nacionais em 2010?**

É uma designação puramente militar. Por regra, todas as forças têm uma designação equivalente ao escalão militar e são unidades base constituídas orgânicas. As forças que mandamos para estas operações são organizadas e articuladas.

## **4. Existiu algum choque/dificuldade entre os países participantes na ISAF?**

Julgo que na ISAF não. No início éramos responsáveis pelo aeroporto, estávamos confiados aquela missão. Depois, durante o período da Protection Force não tivemos dificuldades pois estávamos dependentes do Comandante máximo da missão, e portanto os outros contingentes seguiam ordens. Depois, na fase dos tais contingentes em que estávamos associados às brigadas e divisões afegãs, embora houvesse multinacionalidade não houve grandes situações em que se pudessem revelar alguns atritos. Claro que tivemos de aumentar o nosso “airbag” para garantir a segurança física do nosso contingente. Através do ganho de confiança é possível fazer isso.

Relativamente aos outros contingentes, havia por exemplo os americanos, que têm uma mentalidade diferente e é necessário adaptar-nos, mantendo a nossa forma de estar

## **5. Quais as reservas que Portugal apresentou relativamente à estrutura definida pela NATO?**

Existem duas fases: Quando na NATO é decidido lançar uma operação há uma primeira fase, que é a fase política. A NATO, composta por 28 países, faz aquilo que os países decidem. Ainda por cima na NATO a decisão é feita por unanimidade, sendo que basta um país que diga que “não”, e não funciona. E nessa primeira fase é desenhada a operação, aprovada a operação e a dimensão da força. Quando digo “aprovada” é as capacidades necessárias para a missão. O que acontece a seguir é depois aquilo que se chamam as “conferências de geração da força”. Quando é aprovada uma missão é direcionada a estrutura e as capacidades militares para a cumprir, e o nível político aprova. Aprovado isso, o que existe é como se fosse um “menu” e assim, os países aliados são convidados a contribuir e a preencher as casas do “menu”. Os países sentam-se à mesa e dizem que querem” comandar determinada parte”, “eu quero tratar da logística”, “eu quero comandar aviões”, “eu quero dar um batalhão para aqui”. Cada país faz, aquilo que se chama de “proposta de contribuição” nessas “conferências de geração da força”. Acontece

uma de duas coisas, os países fazem ofertas para determinada função e às vezes há demasiadas ofertas para as funções com menos risco. Quando isso acontece, os países discutem até que haja consenso com aquilo que cada país contribui para aquela operação. No nosso caso, nós somos dos poucos países que não apresentamos “caveats”, as restrições da missão. Há países que dizem “se for para ir para a missão tal, na região tal, com a etnia tal, nós não vamos”. Há outros países que dizem que contribuem, mas se for para ir para regiões onde haja minas, não vão. Por norma, nas missões para onde vamos, não colocamos restrições.

### **1. Como decorreu a participação de Portugal no Afeganistão?**

Nós estivemos em vários programas e o livro descreve as áreas de intervenção. Tivemos desde uma perspectiva de retaguarda com elementos em hospitais que apoiavam as forças da NATO e da coligação, mas também os afegãos na capacidade de segurança. Tivemos uma participação grande na formação da força aérea, na operação do aeroporto de Kabul para afegãos e para a força da NATO da coligação. Rapidamente transitámos dessa fase de apoio directo para uma de formação também, tivemos também a Quick Reaction Force (forças especiais de combate) em que estes tiveram uma participação directa nas ações de reconhecimento e ações de combate a combater os insurgentes em determinadas áreas, não isoladamente, sempre integrados com outras forças da NATO. Num conflito não estamos sozinhos, fazemos parte de planos de ordens de operações e atuamos num determinado sector ou área que nos é atribuído. Podemos atuar como força de reserva, pronto a atuar em qualquer altura, através de helicópteros que nos levavam para qualquer ponto do Afeganistão, onde estivesse a começar um qualquer conflito. É uma outra tipologia de força, onde infelizmente tivemos dois mortos, um por ação de combate e outro num acidente de aviação.

Na parte de assessoria, já falei na força aérea que esteve na divisão de Kabul, que durou desde a formação da divisão (existia uma brigada e foi implementada uma estrutura final). Ajudámos a estabelecer os procedimentos, as normas de funcionamento de acordo com a doutrina deles. Houve coisas que tiveram de ser traduzidas para a língua deles, que e mais do que uma, e depois ensina-los a interpretar a doutrina. A doutrina é muitas vezes chavões que que alguns deles têm dificuldade em traduzir, e eles têm de perceber o conceito, têm de perceber determinado termo, o “ataque”, a “defesa”, o “golpe de mão”, coisas simples não tanto, mas há outras que é difícil interpretar e perceber o tipo de

atuação. Nós em termos de combate e de atuação não lhes ensinamos nada, pois a maior parte deles tem uma experiência de terreno de vida. Nasceram com uma arma na mão!

**2. Que sub-unidades/forças fizeram parte do seu contingente e quais os papéis incumbidos?**

As MAT tinham oito elementos no meu contingente, e terminamos a assessoria à divisão de Kabul e depois continua a assessoria com Turcos, os Turcos mantiveram-se lá e já estavam ligados a divisão de Kabul com as brigadas.

Na estrutura hierárquica tem a divisão “cabeça”, um Estado-Maior, depois tem duas brigadas, e mais abaixo dois batalhões no terreno. Um batalhão andaré nos 700 homens, uma brigada nos 2000 homens, e a divisão no seu conjunto, nos 5000 homens.

Peh Sat foram responsáveis pela assessoria da académica militar da força aérea em Kabul e foi uma capacidade que terminou em Julho. Terminou porque entramos numa fase de assessoria em que nós não éramos uma “lead Nation”. Enquanto na divisão de Kabul éramos quem tinha a missão desta tarefa dada pela NATO, nós éramos assessores da divisão de Kabul, na força aérea nós não tínhamos a titularidade e nos fazíamos parte duma equipa. Essa equipa foi desfeita quando os americanos retraíram.

O meu contingente era composto por esta duas capacidades, tudo o resto era sustentação, logística de nos mantermos, da segurança. Para isso havia uma pequena força de comandos, que lá estava para eu poder ter apoio médico, alojamento, dormida, alojamento, banhos, correio, documentos todos, tem de ter um National Support Element que me faz viver.

Um contingente não é mais do que uma capacidade nacional organizada que la dentro tem as valências que dá para a missão e aquelas que faz viver.

**3. Considera que no final da missão do seu contingente, as FNA eram capazes de garantir a segurança do país?**

Não. Houve melhorias como há reveses. O Afeganistão não tem um ponto de referência. Tiveram a ocupação Soviética, a ocupação Inglesa outra, e pronto. Há uma ausência de valores, de referência, e é isso que se está a fazer. O contributo não resolveu, ajudou. Não é em vão e não se esgota com a nossa saída. Há aspetos em que o erro continua a persistir.



**Anexo 4. Resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas**

**Acesso em Abril de 2016**

**Retirado de <http://www.un.org/Docs/scres/2001/sc2001.htm>**

**Adopted by the Security Council at its 4443rd meeting, on  
20 December 2001**

*The Security Council,*

*Reaffirming* its previous resolutions on Afghanistan, in particular its resolutions 1378 (2001) of 14 November 2001 and 1383 (2001) of 6 December 2001,

*Supporting* international efforts to root out terrorism, in keeping with the Charter of the United Nations, and reaffirming also its resolutions 1368 (2001) of 12 September 2001 and 1373 (2001) of 28 September 2001,

*Welcoming* developments in Afghanistan that will allow for all Afghans to enjoy inalienable rights and freedom unfettered by oppression and terror,

*Recognizing* that the responsibility for providing security and law and order throughout the country resides with the Afghan themselves,

*Reiterating* its endorsement of the Agreement on provisional arrangements in Afghanistan pending the re-establishment of permanent government institutions, signed in Bonn on 5 December 2001 (S/2001/1154) (the Bonn Agreement),

*Taking note* of the request to the Security Council in Annex 1, paragraph 3, to the Bonn Agreement to consider authorizing the early deployment to Afghanistan of an international security force, as well as the briefing on 14 December 2001 by the Special Representative of the Secretary-General on his contacts with the Afghan authorities in which they welcome the deployment to Afghanistan of a United Nations-authorized international security force,

*Taking note* of the letter dated 19 December 2001 from Dr. Abdullah Abdullah to the President of the Security Council (S/2001/1223),

*Welcoming* the letter from the Secretary of State for Foreign and Commonwealth Affairs of the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland to the Secretary-General of 19 December 2001 (S/2001/1217), and *taking note* of the United Kingdom offer contained therein to take the lead in organizing and commanding an International Security Assistance Force,

*Stressing* that all Afghan forces must adhere strictly to their obligations under human rights law, including respect for the rights of women, and under international humanitarian law,

*Reaffirming* its strong commitment to the sovereignty, independence, territorial integrity and national unity of Afghanistan,

*Determining* that the situation in Afghanistan still constitutes a threat to international peace and security,

*Determined* to ensure the full implementation of the mandate of the International Security Assistance Force, in consultation with the Afghan Interim Authority established by the Bonn Agreement,

*Acting* for these reasons under Chapter VII of the Charter of the United Nations,

1. *Authorizes*, as envisaged in Annex 1 to the Bonn Agreement, the establishment for 6 months of an International Security Assistance Force to assist

the Afghan Interim Authority in the maintenance of security in Kabul and its surrounding areas, so that the Afghan Interim Authority as well as the personnel of the United Nations can operate in a secure environment;

2. *Calls upon* Member States to contribute personnel, equipment and other resources to the International Security Assistance Force, and invites those Member States to inform the leadership of the Force and the Secretary-General;

3. *Authorizes* the Member States participating in the International Security Assistance Force to take all necessary measures to fulfil its mandate;

4. *Calls upon* the International Security Assistance Force to work in close consultation with the Afghan Interim Authority in the implementation of the force mandate, as well as with the Special Representative of the Secretary-General;

5. *Calls upon* all Afghans to cooperate with the International Security Assistance Force and relevant international governmental and non-governmental organizations, and welcomes the commitment of the parties to the Bonn Agreement to do all within their means and influence to ensure security, including to ensure the safety, security and freedom of movement of all United Nations personnel and all other personnel of international governmental and non-governmental organizations deployed in Afghanistan;

6. *Takes note* of the pledge made by the Afghan parties to the Bonn Agreement in Annex 1 to that Agreement to withdraw all military units from Kabul, and calls upon them to implement this pledge in cooperation with the International Security Assistance Force;

7. *Encourages* neighbouring States and other Member States to provide to the International Security Assistance Force such necessary assistance as may be requested, including the provision of overflight clearances and transit;

8. *Stresses* that the expenses of the International Security Assistance Force will be borne by the participating Member States concerned, *requests* the Secretary-General to establish a trust fund through which contributions could be channelled to the Member States or operations concerned, and encourages Member States to contribute to such a fund;

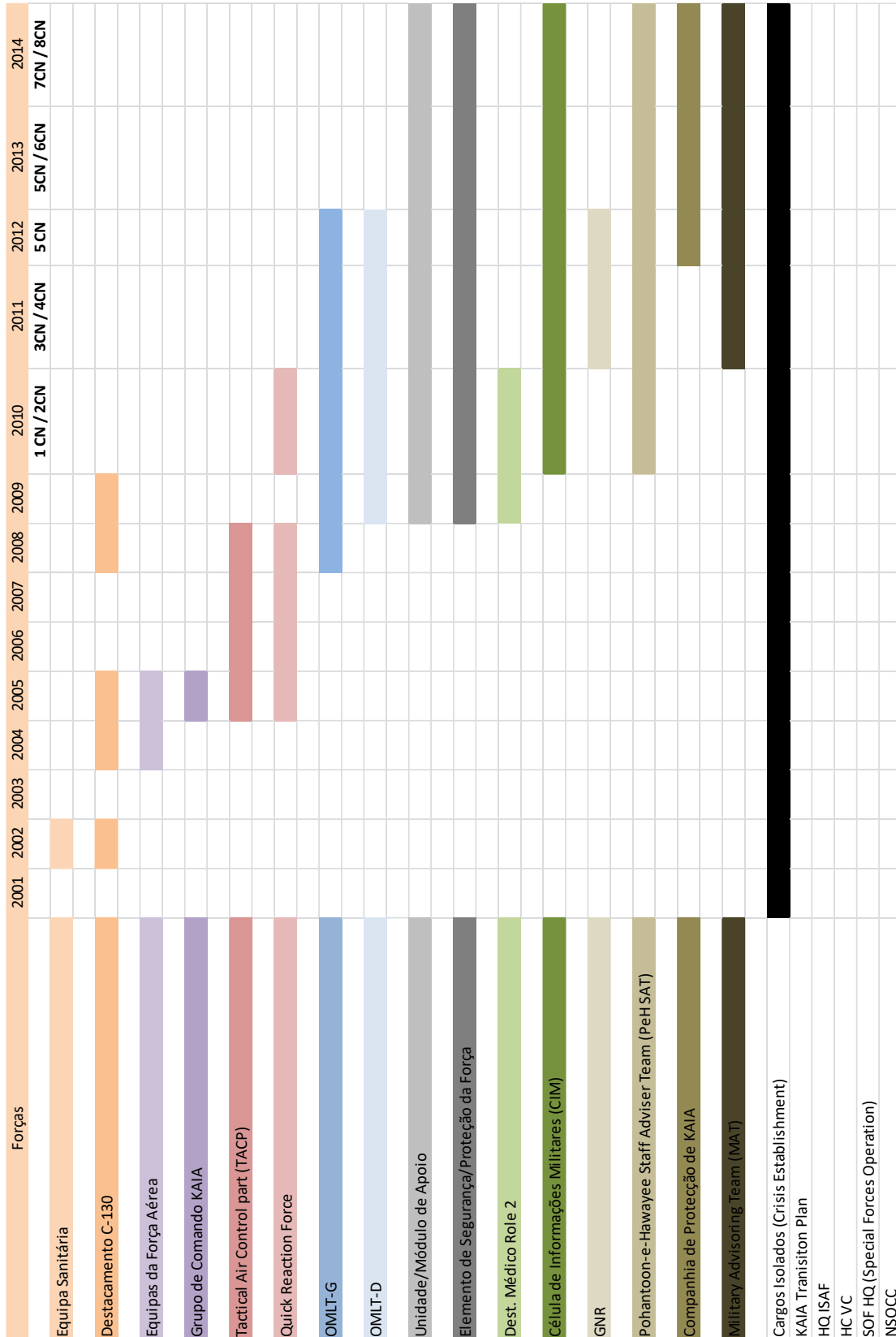
9. *Requests* the leadership of the International Security Assistance Force to provide periodic reports on progress towards the implementation of its mandate through the Secretary-General;

10. *Calls on* Member States participating in the International Security Assistance Force to provide assistance to help the Afghan Interim Authority in the establishment and training of new Afghan security and armed forces;

11. *Decides* to remain actively seized of the matter.

Anexo 5. Distribuição temporal das capacidades da participação Portuguesa na ISAF

Elaboração própria em Setembro de 2015



**Anexo 6. Guião da primeira entrevista, realizada a 11 de Setembro de 2015**

<b>Nº da questão</b>	<b>Questão</b>
Q1	Porquê enviar Forças Portuguesas para o Afeganistão?
Q2	Quais as forças participantes e papéis incumbidos a cada força?
Q3	Por que motivo foram criados os Contingentes Nacionais?
Q4	Existiu algum problema entre os outros países participantes e os militares Portugueses?
Q5	Quais as reservas que Portugal apresentou relativamente à estrutura delineada pela NATO?

**Anexo 7. Guião da segunda entrevista, realizada a 25 de Setembro de 2015**

<b>Nº da questão</b>	<b>Questão</b>
Q1	Porquê enviar forças para o Afeganistão (e como foi definida a estratégia)?
Q2	Como considera o estado do País, em termos de segurança e fragilidade, antes da ISAF?
Q3	De que maneira decorreu a transferência da ISAF para a NATO?
Q4	Em termos militares, como considera que estava organizada a missão das Afghan National Security Forces antes da intervenção Portuguesa?
Q5	Qual a estrutura das três forças das ANSF antes da ISAF?
Q6	Que subunidades/forças fizeram parte do seu contingente e os papéis incumbidos a cada uma delas?
Q7	De que modo as forças/unidades constituintes do seu contingente contribuíram diretamente para a melhoria das capacidades das ANSF? Qual a mais-valia que as ANSF retiraram da sua unidade?
Q8	Considera que, no final da sua missão, as ANSF se tornaram capazes de garantir a segurança do País?
Q9	No geral, considera que as Forças Armadas Portuguesas contribuíram para o aperfeiçoamento das ANSF?

## **Questionário dirigido a militares participantes na missão ISAF no Afeganistão**

O seguinte questionário pretende complementar a dissertação para atribuição do grau de Mestre no âmbito do Mestrado em *Governance, Leadership and Democracy Studies*, do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.

Tema proposto:

“Participação das Forças Armadas Portuguesas na ISAF: Contributo para a segurança e estabilização do Afeganistão”.

Objectivos:

Perceber quais os contributos do 8º Contingente Nacional para a segurança e estabilização do Afeganistão. De acordo com a pesquisa realizada até ao momento, é possível concluir que o 8º CN contribuiu para a segurança do Estado afegão através de dois critérios:

- Garantir a segurança dos militares e TO;
- Ações de assessoria às Forças Nacionais de Segurança Afegãs.

Dados:

Nome:

Capacidade onde se encontrou destacado/a:

## Questões

Q1: Qual a missão inculcida à sua capacidade? Isto é, quais os objetivos principais?

Q2: As atividades desenvolvidas pelas capacidades do 8ºCN garantiram a segurança dos militares portugueses e do Teatro de Operações.

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

Q3: A informação produzida pelo 8ºCN facilitou a neutralização de ações terroristas durante o período de intervenção do 8ºCN.

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

Q4: As ações de assessoria realizadas ao Exército afegão contribuíram para que este fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o período de atuação do 8ºCN.

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

Q5: O Exército afegão é capaz de operar de maneira independente e garantir a segurança do Estado afegão, após o final da ISAF.

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

Q6: As ações de instrução à Força Aérea contribuíram para que esta fosse capaz de garantir a segurança de Kabul durante o período de atuação do 8ºCN

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

Q7: O Estado afegão é menos seguro após a transferência total de autoridade para as Forças de Segurança Afegãs do que durante a missão ISAF.

**Não concordo**     **Neutro**     **Concordo**     **Concordo fortemente**

### Anexo 9. Respostas dadas à Q1

Indivíduo	Capacidade	Missão/Objetivos
1	MAT	Assegurar a proficiente formação dos quadros da 111ªCapDiv
2	MAT	Dar assessoria na área de Estado-maior às diferentes secções da 111CapDiv. No meu caso particular ao GEng da 111CapDiv.
3	MAT	Assessorar o CSM da 111KCD
4	MAT	Assessoria à área da logística no QG de uma grande unidade militar do exército afegão – 111ª Capital Division (111CapDiv).
5	MAT	A MAT garantiu a assessoria à 111ª Capital Division Afegã. Tinha por objectivo ajudar o Estado-Maior da 111ª Capital Division a planear as suas actividades e dar ferramentas de trabalho em diversas áreas
6	Unidade / Módulo de Apoio	1. Oficial de Operações, Informações e Segurança do 8ºCN/ISAF. a. Pesquisa de informações permanentemente contribuindo para o briefing diário antes de se iniciar cada operação/missão; b. Garantir os procedimentos de segurança dentro e fora de KAIA, face à insurgência; c. Garantir coordenação com as Operações de KAIA sobre as missões do 8ºCN; d. Envio de relatório diário para Portugal (EMGFA e CFT).
7	Unidade / Módulo de Apoio	Logística. O objetivo principal era a sustentação da Força (Alimentação, Combustíveis, Munições, Transporte de Pessoas/Carga, etc.), controlo do material e repatriamento do material do TO para Território Nacional
8	Unidade / Módulo de Apoio	O Módulo de Apoio teve como principal tarefa garantir o funcionamento, a sustentação e a proteção das componentes que integraram o 8ºCN do TO, e quando necessário apoiar outros militares portugueses em missão no Afeganistão, tendo sido organizado da seguinte forma: Comando; Estado-Maior; Equipa de Manutenção; Equipa Sanitária; Equipa de Comunicações; e Grupo de Proteção, associado à Military Adviser Team.
9	Unidade / Módulo de Apoio	Dar apoio no âmbito Logístico, pessoal e financeiro a todo o Contingente Nacional.
10	Proteção da Força	Garantir a Proteção e Segurança de todos os Elementos do CN, bem como participar no apoio aos outros militares nacionais em missão no Teatro de Operações do Afeganistão.
11	Proteção da Força	Garantir a Proteção e Segurança nas diversas missões dos Militares do Contingente Português no Afeganistão.

**Anexo 10. Respostas dadas à Q2**

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q2</b>
1	MAT	Concordo
2	MAT	Concordo
3	MAT	Concordo
4	MAT	Concordo
5	MAT	Neutro
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
7	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
8	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
9	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
10	Proteção da Força	Concordo Fortemente
11	Proteção da Força	Concordo Fortemente

**Anexo 11. Respostas dadas à Q3**

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q3</b>
1	MAT	Concordo
2	MAT	Neutro
3	MAT	Concordo
4	MAT	Neutro
5	MAT	Neutro
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
7	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
8	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
9	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
10	Proteção da Força	Concordo
11	Proteção da Força	Concordo



#### Anexo 12. Respostas dadas à Q4

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q4</b>
1	MAT	Concordo
2	MAT	Concordo
3	MAT	Neutro
4	MAT	Neutro
5	MAT	Neutro
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
7	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
8	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
9	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
10	Proteção da Força	Neutro
11	Proteção da Força	Concordo

#### Anexo 13. Respostas dadas à Q5

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q5</b>
1	MAT	Concordo
2	MAT	Não concordo
3	MAT	Neutro
4	MAT	Não concordo
5	MAT	Concordo Fortemente
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
7	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
8	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
9	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
10	Proteção da Força	Neutro
11	Proteção da Força	Não concordo

**Anexo 14. Respostas dadas à Q6**

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q6</b>
1	MAT	Neutro
2	MAT	Neutro
3	MAT	Neutro
4	MAT	Neutro
5	MAT	Neutro
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo Fortemente
7	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
8	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
9	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
10	Proteção da Força	Neutro
11	Proteção da Força	Neutro

**Anexo 15. Respostas dadas à Q7**

<b>Indivíduo</b>	<b>Capacidade</b>	<b>Q7</b>
1	MAT	Neutro
2	MAT	Neutro
3	MAT	Concordo
4	MAT	Concordo
5	MAT	Concordo
6	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
7	Unidade / Módulo de Apoio	Não concordo
8	Unidade / Módulo de Apoio	Concordo
9	Unidade / Módulo de Apoio	Neutro
10	Proteção da Força	Neutro
11	Proteção da Força	Concordo

